



REVISTA

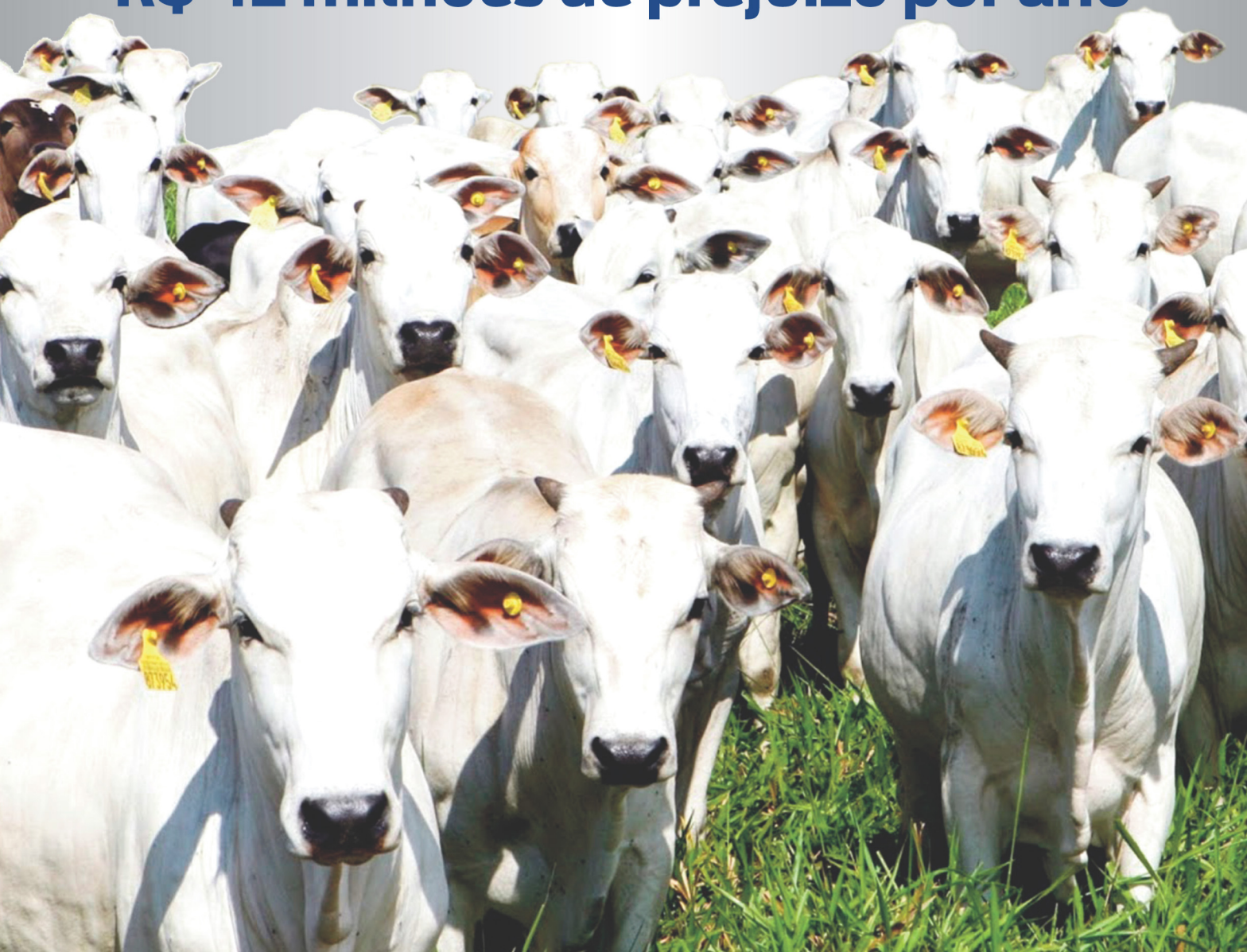
Ano 3 - Número 23 - Macapá-AP - R\$ 4,00

DIÁRIO

www.revistadiario.com.br

Roubo de Gado

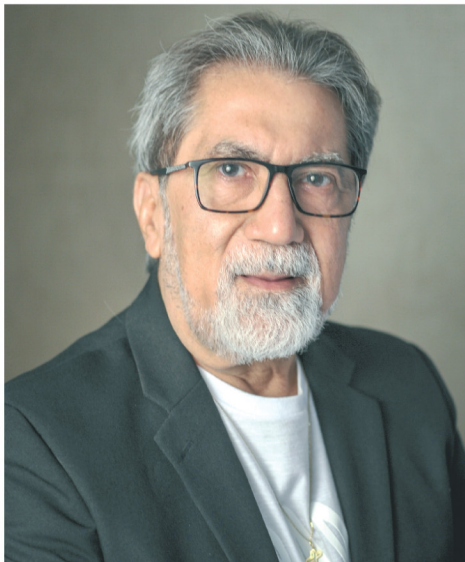
Fazendeiros amargam
R\$ 42 milhões de prejuízo por ano



Setembro Mês de Aniversário Santa Lúcia



Mais de 200 produtos
em Ofertas para você!



Luiz Melo

Diretor Superintendente

E-mail: luizmello.da@uol.com.br

Todos os dias das **7h às 9h**

**na Rádio Diário FM,
e na coluna From,
página 3 do Jornal
Diário do Amapá.**

Recheios

Não tem como escapar: no mundo o bem e o mal se contrapõem ou se alternam, porém nunca se unem ou andam juntos. A filosofia maniqueísta, queiramos ou não, é predominante... E como o Amapá também é mundo, por aqui estamos carregados de bem e de mal.

Quando o estado se esforça e se prepara mais iminentemente para ter sua carne bovina e bubalina livre ou sem qualquer ameaça de febre aftosa, mais que nunca o roubo de gado é praticado.

Quando se descobre que a costa amapaense é santuário de riquíssimo recife de corais, o rio Araguari morre em longa extensão de seu curso, assim como o Lago Piratuba.

Teme-se que o recife de corais venha a ser negativamente impactado pela exploração de petróleo na foz do rio Amazonas, e que Araguari e Piratuba sumam de vez com a voraz ação de búfalos asselvajados.

Quando há descoberta de vestígios de que o Amapá tenha sido o berço da civilização brasileira, as pesquisas arqueológicas no estado são paralisadas e ninguém liga para resultados de estudos e escavações antes já concluídos.

O arquipélago do Bailique, sempre citado como um lindo recanto paradisíaco, ostentando nuances naturais banhadas por águas salinas e doces, hoje corre o risco de desaparecer, porque autoridades não se preocupam em prevenir o local contra o fenômeno das Terras Caídas.

A foz do rio Araguari já foi referência mundial como detentora de um dos fenômenos naturais mais impressionantes, a Pororoca que paradoxalmente já não mais existe.

E assim o Amapá prossegue, recheado de bem e de mal.



DIÁRIO COMUNICAÇÕES LTDA. C.N.P.J (MF) 02.401.125/0001-59
Administração, Redação e Publicidade: Avenida Coriolano Jucá, 456 - Centro - CEP 68906-310 - Macapá (AP) **Fone** (96) 3223-2779. **E-mail:** diario-ap@uol.com.br

LUIZ MELO
Diretor Superintendente

ZIULANA MELO
Diretora de Jornalismo

DOUGLAS LIMA
Editor Chefe

LUCIANA MELO
Diretora Comercial

MÁRLIO MELO
Diretor Operacional

Circulação simultânea em Macapá, Belém, Brasília e outras capitais. Os conceitos emitidos em artigos e colunas são de responsabilidade dos seus autores, e nem sempre refletem a opinião desta Revista. Suas publicações são com o propósito de estimular o debate dos problemas amapaenses e do país.

A Revista **Diário** busca levantar e fomentar debates que visem a solução dos problemas amapaenses e brasileiros, e também refletir as diversas tendências do pensamento das sociedades nacional e internacional. • Projeto Gráfico/ DTP: More-AI (Jo Acs/ Mozart Acs).



Abigato

Estimativas das entidades ligadas à pecuária local dão conta de que pelo menos 24 mil cabeças de bois e búfalos são furtadas por ano no Amapá; prejuízo superior a R\$ 42 milhões.

18 a 21

06 e 07

Medicina

Doutor Cabral, decano da cardiologia do Amapá, é um profissional dedicado há mais de 40 anos à lide de bem atender os pacientes que o procuram. Ele conta com eficiente equipe de apoio.

14 e 15

Auxílio

O governo do Amapá vai destinar cerca de R\$ 2,85 milhões para as prefeituras de 14 dos 16 municípios do estado para limpeza urbana e outras destinações.

22 a 29

Reação

Em razão da destruição que búfalos causam no ecossistema do Amapá, há quem defenda o abate em massa desses animais, a exemplo do que ocorreu em uma região de Rondônia.

34 a 37

Natureza

O fenômeno das Terras Caídas pode varrer do mapa o arquipélago do Bailique, tamanha é a fúria avassaladora da erosão fluvial. Casas, escolas e pontes são destruídas quase que diariamente.

51 a 57

Impasse

Por enquanto, a extinção da Reserva Mineral do Cobre e Associadas está retida. Alguns políticos de esquerda, ambientalistas e artistas conseguiram reter a iniciativa.

ARTIGOS

José Samey

17

Ulisses Laurindo

42

Diego Bonilla

50

COLONAS

From

Luiz Melo **32 e 33**

Verso e Reverso

Douglas Lima **38**

Social

Ziulana Melo **44 e 45**



Ansiedade

*"Se marco uma entrevista às 2h,
à 1h15 já fumei dez cigarros.
Se vou gravar uma faixa, a mesa
do estúdio está quebrada,
não sei esperar. Não sei esperar,
e a minha vida é um
engarrafamento.
Se tenho uma festa às 10,
8h30 já estou pronto.
Fico balançando os pés
Sentado na beira da cama
O tempo não passa pra mim
Quero mais velocidade
Várias coisas ao mesmo tempo
Não quero esse bonde lento".
(Cazuza-Alta Ansiedade)*



Ansiedade é o estado emocional de apreensão sobre algo que pode acontecer. É inerente ao ser humano. É o caso, por exemplo, de mães que levam uma roupinha a mais, se o filho se sujar, ou um guarda chuva, para no caso de ser surpreendido e assim estar precavido. Esse tipo de ansiedade é positiva, são pessoas proativas. Até aí, tudo bem! O problema está quando essa ansiedade se torna patológica. Sendo inerente ao ser humano, é muito comum ficarmos ansiosos, quando enfrentamos algum problema, quando vamos falar em público, tomar uma decisão difícil, esperar uma resposta por algo que queremos muito, enfim. Mas, quando essa ansiedade, começa a ficar excessiva, é um sinal de que pode então tornar-se patológica, uma doença. Daí vem um sentimento vago e extremamente desagradável de medo; a pessoa fica apreensiva, experimenta um desconforto de antecipação de perigo. Existem diversos tipos de distúrbios de ansiedade. Podemos destacar o TAG (Transtorno de Ansiedade Generalizada), Síndrome do Pânico, Fobia Social e fobias específicas (claustrofobia, agorafobia), dentre outros. Na ansiedade patológica a pessoa experi-

menta aquela sensação de que algo ruim vai acontecer, um medo constante vai tomando conta, o pensamento descontrola, apresenta problemas para dormir, fica mais irritado, tende a agitar os braços e pernas, dores de cabeça, dores musculares, tem uma preocupação exagerada.

Algumas pessoas são mais propensas. Fatores como eventos traumáticos na infância ou mesmo na vida adulta, stress relacionado a doenças graves, fatores genéticos, abuso de álcool, cigarro e drogas ilícitas podem favorecer essa doença que assola muitos indivíduos, sendo destacada como uma das males do século.

O ideal, mesmo, é procurar ajuda médica, concomitantemente com a psicoterapia, afinal, se a ansiedade está produzindo algum tipo de sofrimento, interferindo, desta forma, negativamente, na qualidade de vida, logo não se pode deixar para depois.

Não podemos esquecer que a delícia da vida está em ela ser uma caixa de surpresas. Desenhar os desfechos de tudo que pode acontecer, desistindo de tanta coisa, porque acha que não vai dar certo, é deixar de ter leveza na vida.



Vocação e amor à medicina

A trajetória de Dr. Cabral



São mais de quatro décadas de trabalho competente e dedicado aos cuidados com o coração de todas as pessoas que procuram pelos seus serviços.

Texto: **Texto: Célio Alício** - Fotos: **Joelson Palheta**

Ele foi o primeiro cardiologista do Amapá e se graduou numa época em que a mão de obra na área da medicina era escassa e não existiam no então território federal do Amapá (TFA) núcleos de ensino superior. Foi em meio a inúmeras dificuldades de percurso que se construiu uma das maiores biografias dentro da comunidade médica amapaense no cerne da trajetória do Dr. José Cabral de Castro, ou simplesmente Dr. Cabral, como ficou conhecido pela sociedade amapaense ao longo de mais de quatro décadas de trabalho competente e dedicado aos cuidados com o coração de todas as pessoas que procuram pelos seus serviços.

Terceiro num total de 12 irmãos, ele nasceu em 10 de março de 1945 em Gurupá (PA), e chegou com a família em Macapá em janeiro de 1951. cursou o ensino primário no grupo escolar Barão do Rio Branco e em seguida deu sequência ao curso ginasial no Colégio Amapaense (CA). Após um descuido que lhe valeu um fracasso na escola, prometeu a si mesmo que estaria sempre entre os melhores dali em diante e cumpriu a promessa com louvor e créditos de sobra.

Ainda no ginasial, optou pela medicina e foi aprovado no vestibular da UFPA, onde estudou de 1966 a 1972, optando pela especialização em cardiologia

pelo fato de no Amapá não existir na época nenhum profissional dessa área. Partiu para São Paulo, onde especializou-se na Escola Paulista de Medicina, que funcionava no Hospital São Paulo, entre 1973 e 1974. Durante esse período casou-se com a gaúcha Regina Brito de Castro com quem viveu durante 22 anos e teve dois filhos: Tarso Brito de Castro, médico endocrinologista que trabalha junto com o pai, e Renato Brito de Castro, engenheiro de produção, residente em Palmas, capital do estado do Tocantins, tendo casado pela segunda vez com Gaudência Vieira de Castro, falecida em 2016, depois de 20 anos de união e parceria no trabalho.

Retornou para o Amapá com a pós graduação em cardiologia em março de 1975, e logo empregou-se na Prefeitura Municipal de Macapá, na gestão de Cleiton Figueiredo de Azevedo (1974/1978), tendo à frente do Executivo territorial o capitão de mar e guerra Arthur de Azevedo Henning (1974-1978). Em seguida, foi contratado pelo governo do território federal do Amapá, e também passou a atuar no Hospital Escola São Camilo e São Luís, onde também residiu por cerca de seis meses num momento em que o exercício da medicina foi gradativamente ganhando a musculatura e a consistência que passou a caracterizá-lo nos momentos seguintes.



Nos anos 1980, durante o primeiro governo de Barcelos, sua carreira deslançou, e além do trabalho como médico cardiologista, passou a assumir cargos importantes na administração pública na área da saúde, tendo sido diretor do Pronto Socorro Municipal, chefe do Departamento de Cardiologia do Hospital Geral de Macapá e, a convite de João Bosco Papaléo Paes, organizou a primeira equipe de Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do Hospital Geral. Posteriormente voltou a assumir a direção do Departamento de Cardiologia do HGM, lá permanecendo até 2003.

Assumiu a titularidade da Sesa antes de Papaléo e desenvolveu um trabalho digno de elogios dada a reconhecida e comprovada competência também como gestor público, tendo como lastro a experiência com consultórios particulares desde o retorno para Macapá, inicialmente em parceria com os colegas Alberto Lima, Raimundo Freire e Disraeli, com os quais montou a Clínica Santa Tereza, e, já em carreira solo, passou a dirigir e atuar à frente de uma clínica própria, em prédio alugado. No fim da década de 1990, adquiriu o terreno onde funciona seu empreendimento atual, o Centro Cardiológico Dr. Cabral que, segundo ele, somente alcançou sucesso graças ao apoio, parceria e competência de sua esposa, Gaudência Castro, cuja ausência tem sido dolorosa tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional.

Dr. Cabral se autodefine como um apaixonado incorrigível pela profissão que voluntariamente optou e costuma recomendar a quem pretende segui-la, a descoberta da vocação como fator preponderante para o sucesso profissional, na medida em que a entrega e a dedicação são componentes fundamentais para profissionais que assumem o compromisso de salvar vidas e tratar e prevenir doenças. É com nítida emoção que ele lembra de uma paciente especial chamada Socorro, nascida há mais de quatro décadas com síndrome de down e cardiopatia congênita, de quem cuidou desde 8 aos de idade até aos 45 anos, em situação de risco constante até o seu falecimento, que segundo ele não se deu em função de problemas cardíacos, como indicaria sua condição, e levando em conta as inúmeras cirurgias cardíacas pelas quais passou. Ela veio a óbito em função de complicações advindas de uma pneumonia.

Em se tratando de polêmicas na medicina brasileira, e embora não seja contra o trabalho dos médicos cubanos que atuaram recentemente no programa 'Mais Médicos' do governo federal, reconhecendo inclusive a importância desses profissionais, ele ressalta e lamenta que muitos brasileiros que cursam medicina com muitas dificuldades em todo o país e até mesmo no exterior, em países como a Bolívia, ao concluírem a graduação e adentrar no mercado de trabalho tenham que obter o REVALIDA (certificação para o exercício regular da medicina), enquanto os cubanos tinham a isenção.

Ele relembra de sua participação na carreira do colega Dr. Antonio Teles, médico especialista em nefrologia falecido recentemente, que inicialmente não pretendia seguir essa especialidade, mas resolveu seguir o conselho de Cabral pela ausência de especialistas nessa área no Amapá. A posteridade revelou que Dr. Teles transformou-se num dos maiores nomes da medicina amapaense, salvou muitas vidas e sua morte causou grande comoção na sociedade local.

Entre suas utopias, a crença na melhoria da medicina é o desejo natural de quem ama o que faz e pretende futuramente se dedicar a um projeto de formação e capacitação de profissionais da enfermagem que atuam no chamado pronto-atendimento ou atendimento de emergência, já que são esses profissionais que atuam na emergência, e muitas mortes poderiam ser evitadas, sobretudo nas localidades mais distantes (reservas, aldeias, núcleos, comunidades rurais, comunidades ribeirinhas, ilhéus e povos da floresta, entre outros) em que a distância geográfica prejudica bastante o atendimento mais ágil, célere e eficaz.

Simple, tranquilo, sereno, segue sua vida particular e familiar, e em seu ofício atende diariamente em sua clínica juntamente com sua equipe de funcionárias e em parceria com o filho Tarso, através do atendimento particular, via Sistema Único de Saúde (SUS), diversos convênios e os chamados convênios de autogestão. A simplicidade, o despojamento, a seriedade e a humildade constituem a sua marca registrada, e o reconhecimento da sociedade é o resultado mais frutífero de um trabalho em favor da saúde das pessoas que de tão competente, competente e devotado à causa dos que precisam do bem-estar da saúde, se assemelha a uma forma de sacerdócio.



● Simple, tranquilo, sereno, doutor Cabral segue sua vida particular e familiar, e em seu ofício atende diariamente em sua clínica juntamente com sua equipe de funcionárias.



Jurista Luiz Flavio Gomes

“O brasileiro está indignado, mas também esperançoso, porque a corrupção não é incurável”



Reportagem:
Luiz Melo

Jurista dos mais conceituados no país e no exterior, o diretor presidente do Instituto de Mediação que leva o seu nome, doutor em direito penal pela Faculdade de Direito da Universidade Complutense de Madri (Espanha), mestre em direito penal pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) e criador do Movimento #QueroUmBrasilÉtico, Luiz Flavio Gomes, em entrevista concedida com exclusividade ao presidente do Grupo Diário de Comunicação, jornalista e radialista Luiz Melo, desnuda a crise política brasileira, admite que há deslizes na Lava Jato, mas defende a operação, ponderando, no entanto, que, paralelamente, o combate efetivo à corrupção tem que ser feito através da prevenção, tendo a educação como pilar básico.

Revista Diário - O senhor já disse reiteradas vezes que considera a Operação Lava Jato uma revolução desarmada. Por quê?

Porque ela não usa métodos violentos para apurar crimes. O método da Lava Jato é o método da justiça negociada, igual ao sistema norte-americano, em que réus confessam e delatam crimes. Significa que no Brasil agora temos esse sistema. Réus que confessam crimes e delatam pessoas, que delatam com provas, porque sem provas não ganha prêmio. Isso revolucionou a Justiça Criminal brasileira. Não tínhamos antes de 2014 nenhuma operação que adotasse esse método norte-americano de fazer justiça negociada. Por isso ela é, sim, uma revolução, e isso também no aspecto político porque só ela investiga poderosos, não investiga ladrão da galinha.

Revista Diário - O juiz Sérgio Moro é o comandante

em chefe dessa revolução...

O juiz Sérgio Moro corajosamente tem levado avante esse trabalho, mas não é o único. Há uma força tarefa do Ministério Público, da Polícia e da Receita Federal, um grupo de jovens delegados e promotores que deliberam investigações de crimes praticados por poderosos e estão mandando pra cadeia muita gente desonesta que governa o Brasil.

Revista Diário - A Operação Lava Jato tem sido mais profunda que a Operação Mãos Limpas, da Itália, que botou na cadeia mais de duas mil pessoas?

A Operação Mãos Limpas expediu mais de três mil e quinhentos mandados de prisão, investigou 860 empresários, 480 políticos e 1.200 funcionários públicos. Numericamente a Mãos Limpas é mais do que a nossa Lava Jato, porém, a nossa operação já dura mais tempo que a Mãos Limpas, que só teve dois anos de vida, porque o Ber-

“ *Hoje, nenhuma investigação dos crimes de poderosos no mundo é maior que a Lava Jato, com enraizamento internacional, seja nos Estados Unidos, através do Departamento de Justiça, seja na Europa com o Ministério Público da Suíça.* ”

lusconi assumiu o poder, e outros juízes, juntamente com parlamentares, acabaram a Mãos Limpas. Porém, o fato principal que levou essa operação ao fim não foi só a força do crime organizado, foi que a população deixou de lhe dar apoio, e nesse instante a Mãos Limpas morreu.

Revista Diário - Então a Operação Lava Jato é o maior movimento contra crimes do colarinho branco no mundo?

Hoje, nestes dias, nenhuma investigação dos crimes de poderosos no mundo é maior que a Lava Jato, com enraizamento internacional, seja nos Estados Unidos, através do Departamento de Justiça, seja na Europa com o Ministério Público da Suíça. A Lava Jato ainda tem longo período pela frente, por duas razões: porque tem muito crime para investigar e, por outro lado, não há ainda ausência de apoio popular, que está em 85%. Enquanto o povo apoiar a Lava Jato não acaba.

Revista Diário - Após a Lava Jato, o que teremos de fazer para que crimes do colarinho branco não voltem a ocorrer no Brasil, como na Itália, que continua corrupta?

A Itália continua na posição 60 do ranking internacional da corrupção, e o Brasil na 79ª colocação. São dois países muito corruptos e isso se deve porque na Itália a corrupção é 2.0, isto é, empresários inescrupulosos, políticos e partidos podres se unem e fazem corrupção, e já não existe mais nenhum tipo de delação. Por outro lado, a Justiça italiana está conformada com esse estilo mafioso de governar o país.

Revista Diário - A História do Brasil é feita de impunidade, uma História de mais ou menos quinhentos anos de impunidade dos poderosos que reinam, do-

minam e governam. A Lava Jato tem força e métodos sistematizados para conter o avanço da corrupção?

A corrupção brasileira tem quinhentos anos, sim, mas neste instante os poderosos estão enfrentando a força da Lava Jato, porém não é só por meio da operação que se combate o crime dos poderosos, mas sim por duas maneiras: pela repressão e pela educação, porque se não trabalhar esses dois vetores nós não conseguiremos debelar a corrupção no Brasil. A corrupção é um mal que faz parte da nossa cultura. E um dado importante: temos quinhentos anos de cultura da corrupção, mas quando os portugueses aqui chegaram eles já tinham 1.500 anos de experiência no método mafioso de governar, porque corrupção, intimidação e violência Portugal já fazia há 1.500 anos. Portanto, a corrupção entre nós tem dois mil anos de história.

Revista Diário - Os tribunais superiores têm respondido com as decisões do juiz Sérgio Moro?

Tem decepcionado! Os tribunais decepcionam muito a cidadania; ora atendem interesses da democracia; ultimamente o STF diz que político que recebeu propina, ainda que declare ao Tribunal Eleitoral, vai responder por corrupção, porém tem muitos pontos negativos, mais acobertam crimes dos poderosos do que os punem. Por exemplo, recentemente o Tribunal Superior Eleitoral absolveu a chapa Dilma/Temer com uma tonelada de provas de corrupção, manteve Renan Calheiros como presidente do Senado. Foi tapa na cara população. Recentemente o Supremo determinou a volta de Aécio Neves ao exercício do mandato no Senado, mesmo tendo áudio gravado onde o senador pedia corrupção de dois milhões de reais. Portanto, os tribunais, o Supremo em particular, mais decepcionam do que atendem interesses da cidadania.

Revista Diário - A Justiça está trocando informações por impunidade. Os delatores muitas vezes vão para casa sem devolver o que roubaram. Vale a pena trocar joio por joio?

Não vale a pena você conseguir informações, ainda que preciosas, quando em troca disso o delator fica completamente impune. Aconteceu a delação da JBS, e nesse ponto nós, que frequentemente apoiamos o Janot, achamos que ele não andou bem. Deixou tudo muito frouxo, com o império da lei dando a sensação que todo mundo vai ficar impune neste país. Não é por aí que as delações têm que acontecer, pois os delatores têm que pegar diminuição de pena, porque se eles ficarem totalmente impunes de fato a troca será de joio por joio, ou dar joio a um para ter um pouco de provas para outro joio.





Revista Diário - Esse tipo de procedimento justifica o pedido de suspeição do procurador geral Rodrigo Janot?

Foi um absurdo esse pedido feito pelo Temer. Porém, na realidade, o Temer não queria suspender o Janot porque ele já tem data certa para sair da PGR. Isso foi estratégia do crime organizado, ao qual o Presidente pertence, para tirar força da segunda denúncia do Janot contra ele. O que eles queriam é que a segunda denúncia, de obstrução de justiça, não entrasse com a força tremenda que possui por causa das provas muito fortes. O que o Temer fez foi uma atividade preventiva para tentar se manter no Poder, no cargo, daí então o ataque ao Janot. A melhor defesa nesse caso foi o ataque. Não teve nenhum cabimento o pedido, não teve nenhum fato concreto. Eles não apontaram nenhum fato concreto de suspeição do Janot, por isso foi um pedido totalmente autoprotetivo da clássica impunidade dos bandidos que governam o Brasil.

para a cadeia mais empresários que políticos, quando são os políticos que mais corrompem? Ou estou enganado?

Está enganado. Não são os políticos os que mais roubam. Os políticos são os mais prontos para ser corrompidos. Na verdade, a corrupção grossa, forte, no país, é de fora para dentro. Empresários são presos em maior número porque tem o foro privilegiado para os políticos, mas para os empresários, não. A diferença está nesse foro vergonhoso que o senador Randolfe Rodrigues tem combatido tanto, pois do contrário essa injustiça vai se agravando cada vez mais, com os políticos beneficiados pelo foro, e os empresários condenados e presos.

Revista Diário - O senhor tem dito que criminoso poderoso no Brasil é megalomaniaco porque não rouba pequeno, não rouba milhão, rouba bilhões e bilhões. Na sua opinião, é a impunidade que leva po-



Revista Diário - A corrupção no governo é de fora para dentro ou de dentro pra fora das repartições públicas?

As duas coisas acontecem, porém numa intensidade muito diferente. Quando é de dentro para fora geralmente é o funcionário público pedindo dinheiro, isso é absurdo por si só. Mas quando é de fora para dentro a corrupção é medonha, porque é uma construtora, uma JBS, um banco, é 'x' ou 'y'; eles vêm com tudo, envolvem bilhões e bilhões de dinheiro. Na realidade, temos que combater a corrupção como um todo, mas de fora pra dentro é muito mais prejudicial ao povo do que a corrupção do policial, do guarda, do fiscal da prefeitura por causa do volume bilionário que envolve a corrupção dos poderosos.

Revista Diário - Por que a Lava Jato tem mandado

líticos e empresários a usarem a chamada 'boca do jacaré'?

É a impunidade, a ganância do outro lado, é muita ganância. Nossas elites dirigentes são gananciosas na corrupção, não se contentam com pouco, e como Brasil é a décima economia do mundo, com orçamento de seis trilhões de reais por ano, há muito dinheiro para ser roubado, se você quer governar roubando. É muito dinheiro! Por outro lado, a corrupção se agravou no Brasil em termos quantitativos porque dos anos 1990 para cá o orçamento público ganhou uma dimensão enorme, e como esse grupo organizado está dentro do Estado e capturou uma parte desse Estado, então eles capturam parte do orçamento para eles. É muito dinheiro...

Revista Diário - A Itália silenciou e ninguém mais lá faz denúncias ou briga por licitações públicas, ou seja, está sendo mais sofisticada. A tendência no Bra-

sil é cometer os mesmo erros ocorridos na Itália, que por isso voltou a ser corrupta?

Na Itália houve uma acomodação dos poderes. Hoje, poderes, políticos e empresários estão roubando, e o Poder Judiciário está acobertando, complacente, está leniente com esse tipo de corrupção na Itália, por isso aquele país continua extremamente corrupto, porém ficam lições: primeiro que não se combate corrupção só com repressão, precisa de educação, nós precisamos de educação; a Itália não mexeu em nada no seu sistema educativo, portanto não mexeu na cultura no país, a cultura continua, o governo continua com métodos mafiosos; todos os países que tiveram sucesso no combate à corrupção, e eu menciono em meu livro, como Hong Kong, Singapura e Ilhas Maurício, por exemplo, combinaram repressão com educação; a Itália não fez isso, e se ficar só na Lava Jato o Brasil tende a seguir o mesmo caminho da Itália.

Revista Diário - Partidos e políticos estão em desgraça com perda de credibilidade. Os efeitos da Lava Jato podem fazer com que partidos virem pó, desapareçam, como aconteceu com o Socialista e o Democrata Cristão na Itália?

Se os partidos corruptos no Brasil não tivessem o amparo da Justiça nós poderíamos dizer que dentro de poucos anos os partidos seriam eliminados, porque eles, as cúpulas, os caciques dos partidos estão inteiramente envolvidos com corrupção, por isso é de supor que partidos vão ser atacados, inclusive financeiramente, e a primeira ação já está pedindo R\$ 2 milhões de indenização ao PT, mas de outro lado os partidos continuam no Brasil amparados pela Justiça, continuam com força, não vão desaparecer tão cedo. Há uma grande diferença entre PMDB, PT e PSDB: o PMDB nunca nasceu para governar, nunca concorreu com candidatos próprios a Presidente, é um partido para garantir a governabilidade de outros partidos. O PMDB se especializou na venda de apoio parlamentar. Esta é a regra: não governa e rouba vendendo apoio parlamentar, e de vez em quando assume o poder, e governa e rouba ao mesmo tempo.

Revista Diário - Na sua avaliação a Lava Jato tem extrapolado limites constitucionais, em casos isolados?

Em vários momentos. sim, houve violação do estado de direito vigente, como, por exemplo, menciono no meu livro a ofensa, violação, quando o Sérgio Moro divulgou aquele vídeo que dona Marisa, esposa do Lula, já falecida, conversa com uma sobrinha... Que é isso? Pra que divulgar aquilo? O que o povo quer saber de conversa familiar? Aquilo nunca poderia ser divulgado. Quando o Moro encontrou aquela conversa da Dilma e o Lula também não poderia ter divulgado porque ela tinha competência no STF, embora a divulgação tenha embasado, acelerado o impeachment da Dilma. Em síntese, excede, comete deslizes, mas o saldo final da Lava Jato é muito

positivo, inclusive eu digo no meu livro que a Operação continua bem, e dentro da lei nós apoiamos, vamos continuar apoiando, e ressalto que enquanto o povo apoiar a Lava Jato não morre. Porém no dia em que o povo deixar de dar apoio a operação morre em 24 horas, porque os poderosos aprovam lei de anistia rapidamente.

Revista Diário - O senhor acha que a Lava Jato é o caminho pelo qual o país atingirá os alvos da ética, cidadania e terá novas lideranças, como o senhor defende em suas palestras, para que o Brasil saia da lama na qual está mergulhado?

A Lavajato é repressão, é império da lei. O levante tem que continuar, mas não educa a população, não tem esse papel. A Justiça não está aí para educar o povo; educar o povo de acordo com a ética é a escola, a casa, a família, o trabalho. Há de se adotar medidas educativas juntamente com medidas repressivas. Essa combinação é indispensável para o efetivo combate à corrupção, como outros países já fizeram. Além do que já mencionei, posso também exemplificar a Suécia, que em meados do século dezoenove era o país mais corrupto da Europa, mas lá houve repressão através do império da lei e educação e não se fala mais em corrupção na Suécia; os Estados Unidos do fim do século dezoenove e começo do vinte, de igual forma. Muda-se a cultura quando entra a ética, porque ética é o respeito ao ser humano, o respeito aos animais, à natureza e ao bom uso das tecnologias.

Revista Diário - Gostaria que o senhor falasse sobre o seu livro 'O jogo sujo da corrupção' e o movimento #QueroUmBrasilÉtico que o senhor criou e lidera...

O livro é para mostrar que a corrupção não é inocente, não é algo que não traz grandes prejuízos para a Nação, porque traz; o nosso movimento é um retrato da indignação do brasileiro que não suporta mais conviver com elites de gentes: empresários inescrupulosos, políticos e partidos corruptos que nos roubam 600 milhões de reais por dia. Logo, se nos estivéssemos usando esse dinheiro para o bem da população, eu pergunto: quantas escolas nós construiríamos por dia com seiscentos milhões de reais? Quantos hospitais? Quanto de remédios, de médicos? Quanto de melhoria da mobilidade urbana? Quanto que nós faríamos de melhor para o Brasil se esse dinheiro não fosse desviado de políticas públicas e não fosse para o bolso de meia dúzia que são os governantes que nos governam de acordo com o método mafioso? O movimento é uma rebelião, um grito de desespero e paradoxalmente ao mesmo tempo um grito de esperança, porque é de desespero à medida que o brasileiro está indignado, ressentido, mas também é de esperança porque a corrupção não é uma doença incurável, tanto que vários países curaram essa desgraça, e para isso tem métodos, há caminhos... Os caminhos estão no meu livro, e o livro é espelho do que nós sustentamos no movimento #QueroUmBrasilÉtico.



O drama vivido por dependentes químicos em clínicas clandestinas no AP e PA

Eram cerca de 14h do dia 6 de setembro de 2017 quando dez internos de uma clínica para dependentes químicos, situada em Porto de Moz (PA) e chamada Recomeçar, decidiram promover uma fuga em massa, mesmo sem recursos e sem conhecerem a região. Chegaram no Igarapé da Fortaleza em Santana (AP) no dia seguinte e foram direto à Delegacia da Polícia Civil prestar depoimento contra a clínica, onde teriam trabalhado como escravos, sofrido fome, tortura e exploração financeira, além de permanecer meses em abstinência por drogas sem receber o menor suporte médico ou psicológico.

O Amapá possui cerca de 3,5 mil dependentes de crack, e a única clínica de reabilitação está sendo investigada desde 2014 pelo Ministério Público Estadual por crimes de tortura e maus tratos. Situação de calamidade frente a uma enfermidade tão grave, já que cerca de 30% desses dependentes estarão

mortos em dez anos e 100% sofrerão com perda de funcionalidade, queda de rendimento profissional e educacional, além do risco aumentado de transtornos de personalidade e de humor.

Ao contrário do que muitos pensam, tratar um dependente químico exige recursos, profissionais capacitados e estrutura física adequada. As crises de abstinência devem ser acompanhadas de perto por médico psiquiatra para o constante ajuste de medicações ansiolíticas. E profissionais como psicólogos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, nutricionistas e fisioterapeutas são imprescindíveis para o sucesso de uma reabilitação.

Permitir o funcionamento de clínicas de reabilitação sem um único profissional capacitado é um crime à pessoa humana e um total desrespeito à toda sociedade e, principalmente, aos familiares tão ansiosos pela recuperação desses pacientes.



Falando de **decoração**...

Se tem algo que eu sempre amei foram as plantas na decoração. Os ambientes se tornam mais aconchegantes, bonitos e charmosos; elas trazem cor e alegria. Quando a gente se refere às plantas naturais, muitas espécies se adaptam bem a ambientes internos e combinam com qualquer ambiente da casa, mas é bom sempre analisar o local antes de escolhê-las. É preciso atentar para as condições de luz, temperatura e umidade de cada cômodo e priorizar as áreas mais iluminadas. Procure sempre colocá-las em áreas que sejam mais próximas de aberturas, como portas e janelas. Sempre prefiro as naturais, porém, se você não tem perfil nem paciência para cuidar das plantinhas, pode recorrer às plantas artificiais. Hoje em dia encontramos no mercado plantas artificiais cada vez mais próximas da realidade. O verde das plantas nunca é demais, e sempre faz toda a diferença em uma boa decoração.





Limpar é preciso

Dariamente, cada amapaense produz quase 1kg de resíduos. Precisamente, são 859 gramas por pessoa, segundo a edição de 2016 da publicação 'Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil', da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe). Isso significa que o estado produz, em média, mais de 645 mil quilos por dia, ou 235 milhões de quilos por ano. Uma quantidade dessas daria para encher quase dois estádios do tamanho do Maracanã.

Claro, nem toda essa quantidade vai parar nas ruas, terrenos abandonados e quintais sujos das cidades amapaenses. Mas, em alguns municípios basta um breve passeio para constatar que a consciência ambiental da população ainda precisa caminhar bastante para chegar no patamar de uma Curitiba, única cidade brasileira in-

cluída na lista das mais limpas do mundo, segundo o site inglês Hassle. Não é à toa que a capital paranaense é uma das mais visitadas e com baixos índices de infestação de doenças urbanas geradas a partir de resíduos. O bom exemplo dos curitibanos comprova: limpar é preciso.

Mas, chegar lá está mais perto. Isso porque estado e municípios deram as mãos para tornar as cidades amapaenses mais limpas. Com isso, o governo vai desembolsar aproximadamente R\$ 2,85 milhões, valor dos convênios que o estado começou a firmar com as prefeituras de 14 das 16 cidades para limpeza e outras destinações, como obras de saneamento e pavimentação de vias, entre outras atividades. O auxílio financeiro é repassado pela Secretaria de Desenvolvimento das Cidades (SDC), órgão criado há dois anos pelo governador Waldez Góes.



O secretário de desenvolvimento das cidades, Alcir Matos, destacou que a limpeza urbana é fundamental para redução dos índices de doenças endêmicas, como dengue e chikungunya. Com os recursos, as prefeituras podem fazer desde aquisição de equipamentos necessários para a atividade, como roçadeiras, até pagar serviços de manutenção de máquinas usadas na limpeza.

Matos explica que apesar de parecer uma ação simples, a limpeza urbana é eficaz. O objetivo principal é quebrar o ciclo reprodutivo do *Aedes aegypti* e reduzir os índices de infestação dessas doenças.

“É um ganho muito grande na saúde pública. Do ponto de vista urbanístico, uma cidade com o básico, que são meios fios pintados, ruas varridas, limpas e capinadas, visão estética contribui muito para o turismo”, analisou o secretário. De acordo com ele, os serviços acordados serão

executados pelas prefeituras, que terão um prazo de 120 dias, a partir da assinatura do convênio, para finalizar as atividades.

Matos ressaltou que, para acessar os recursos, as prefeituras tiveram que apresentar um projeto que foi elaborado com o auxílio da Secretaria das Cidades. Ele também evidenciou as regras dos convênios. Segundo ele, os repasses de recursos até R\$ 200 mil serão feitos em parcela única. Acima deste valor, serão parcelados. “Os municípios que receberem os recursos parcelados só terão acesso aos demais repasses mediante a prestação de contas do repasse anterior”, reforçou o secretário.

Ele também chamou a atenção para a prestação de contas dos convênios, a qual a Controladoria Geral do Estado (CGE) está à disposição das prefeituras para auxiliar os técnicos a manter os convênios em regularidade permanente.





Uma juíza pescadora de histórias de vida

Se existe coisa encantadora neste Brasil imenso e quase um continente são os regionalismos e situações peculiares, muitas vezes inacreditáveis e que renderiam um bom enredo de filme.

Como magistrada, muitas experiências, fatos tristes e hilários tenho incorporado na minha bagagem de julgadora e, confesso sempre contribuíram para eu me tornar mais humana.

Uma observação é válida: ser magistrado na região em que se nasce e é criado, no início da carreira nos traz algumas vantagens, principalmente aquelas do linguajar popular e o conhecimento dos chamados fatos notórios que demandariam alguma pesquisa de quem não é do local. Todavia, é só no início, depois com o tempo os costumes locais se misturam com nosso modo de julgar e ver a vida.

Pois bem, em meados de 1999, juíza de Vara Cível, em Santana, segunda maior Comarca do estado e sede de um porto, deparei-me com um fato que marcou muito a atuação na magistratura do Amapá: uma ação de indenização de uma viúva e seus três ou quatro filhos que demandava contra o dono de uma olaria (fábrica de fazer telhas e tijolos) edificada há mais de dois quilômetros da margem do rio Amazonas, naquela cidade.

No processo, constava a narrativa de que dentro de um poço de extração de barro um empregado da firma recebera um choque fatal de um peixe da Amazônia, chamado poraquê, e lá mesmo morreu. Um peixe cujo nome científico é *Electrophorus electricus*, o qual emana eletricidade e pode chegar a ter três metros e pesar 30 quilos. O peixe da Amazônia que vitimou o empregado estava em um daqueles buracos que a água da chuva e o manipular da argila formam. O animal tinha mais de um metro e meio e deu um choque com tanta intensidade no oleiro, que o matou lá mesmo no local, sem chance de qualquer socorro.

O poraquê é um tipo de enguia que pode emitir uma voltagem elétrica que mata até cavalos. O amazônida tem muito medo de efeuar pescaria onde ele pode ser encontrado e conta muitas histórias de pessoas que morreram ou ficaram incapacitadas com o choque produzido pelo peixe. Sou amapaense e menina do mato. Meu avô já havia me contado essas histórias.

A questão para decidir era complexa: de um lado aquela mulher viúva com filhos pequenos para criar, esposa de um funcionário exemplar com anos de casa. O que mais me intrigou e ficou ecoando na minha cabeça foi a indagação de como



um peixe daquele tamanho poderia estar vivendo naquele buraco alagado, cujo água batia até à cintura dos trabalhadores e distava quase dois quilômetros da margem do rio.

A escavadeira que ajudava a tirar o barro para a fábrica emperrou naquele dia e o dono da olaria foi o primeiro a se dispor a pular no poço, até que seu empregado, vendo a dificuldade, também foi para ajudá-lo. Minutos depois de pular, ele se debateu no buraco de água barrenta e afundou. Em meio ao tumulto um dos empregados avistou o peixe entrelaçado no corpo do amigo, já sem vida.

Eles então se atiraram no buraco e em meio ao desespero e de tão inusitado fato conseguiram retirar o amigo morto e matar o peixe.

As fotos que ilustravam o processo me chocaram profundamente: forão necessários três homens para segurar e fotografar todo o comprimento do animal.

Nas inspeções judiciais realizadas e perícias, nada batia. Como um animal daquele tamanho veio parar ali tão longe do rio? A perícia concluiu então que o peixe ainda pequeno saiu do rio e veio se alojando nas pequenas veredas de água e fossos que se formam no inverno amazônido, tempo das chuvas, na olaria, até que chegou naquele buraco maior, lá se alojou e cresceu. Como o barro era tirado com a escavadeira, não havia problema, até o dia que a máquina quebrou e o dono da olaria e o empregado foram obrigados a entrar lá para auxiliar no conserto da máquina.

Como já frisei, o dono foi o primeiro a entrar. Com certeza se fosse possível prever que um peixe daquele tamanho e tão letal pudesse estar ali, jamais teria pulado no buraco. Santa fatalidade. Não condenei a Olaria a pagar indenização.

A força da natureza é imensa, lendas e histórias de pescador existem. Nunca pensei que iria um dia me deparar com um caso desses, um caso fortuito e tão incrível.

É história e experiência de juiz e não de pescador: a sentença foi publicada nos anais da jurisprudência do Tjap e nunca mais esqueci do fato.



Forte de São José de Macapá

O Forte de São José de Macapá é extremamente importante na História da América, não apenas na História do Brasil, por ser talvez a maior obra da arquitetura militar que existe no país. Ele e o Forte do Príncipe da Beira, no Guaporé, foram planejados para assegurar o domínio português dessas imensas áreas da América do Sul. Esse forte tem uma expressão monumental: possui cerca de 127 mil metros quadrados, apenas de edificações internas, 910 metros de perímetro, muralhas de 15 metros de altura, e foi construído na metade do século XVIII, quando o Marquês de Pombal e o então rei de Portugal, D. José I, resolveram enfrentar a questão do domínio da margem esquerda do Amazonas como um domínio de Portugal.

Quando o Marquês de Pombal planejou ocupar a região, a primeira coisa que fez foi nomear um meio-irmão seu, que se chamava Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador do estado do Maranhão e do Grão Pará. E deu instruções secretas a ele. Nessas instruções, para não se chocar com a Espanha, dava-lhe a missão de ocupar aquela região inteira, com ações, muitas delas que hoje nos parecem pitorescas. Por exemplo, recomendava que as tropas portuguesas deviam se juntar às índias para que o sangue português dominasse aquela terra e houvesse gente para povoar a área. Também mandou que açorianos fossem para lá, e uma leva de 471 famílias, já em 1764, chegava à região.

Por outro lado, também nesse desejo de ver ocu-



Esse forte, esse monumento é um patrimônio da humanidade. Quando foi inaugurado assumi o compromisso de começar uma ação em âmbito nacional junto à Unesco para que esse forte seja designado, seja consagrado como Patrimônio da Humanidade.

pada a região, quando a Praça de Mazagão foi quase inteiramente rendida, ele transporta as pessoas que ali existiam para a Amazônia, no sentido de povoá-la. E lá fundaram uma cidade, a atual Mazagão, hoje um pequeno município, porque foi abandonado, a maioria da população morreu, atacada por pestes, e muitos moradores se mudaram para outros lugares.

Mendonça Furtado entregou a construção de São José do Macapá a um engenheiro italiano que se chamava Galuzzi. Os italianos eram tidos então como homens que entendiam extraordinariamente de fortificações militares. Eles então edificaram esse forte exemplar.

O forte, esse monumento é um Patrimônio da Humanidade. Quando ascendi ao Senado assumi o compromisso de começar uma ação em âmbito nacional junto à Unesco para que esse forte seja designado, seja consagrado como Patrimônio da Humanidade.

No Forte se encontra sepultado Joaquim Caetano da Silva, que escreveu um livro que foi básico para que o Barão do Rio Branco defendesse, perante a Suíça, que a área entre o rio Araguari e o rio Oiapoque pertencia ao Brasil. Ele escreveu esse livro, em dois volumes, intitulado L'Oiapoque et l'Amazone.

Espero que o Forte de São José do Macapá seja transformado em Patrimônio da Humanidade. Conheço esse processo, é um processo longo, não é fácil, demanda tempo e estudos históricos, não é uma coisa simples.

O Forte de São José de Macapá pertence à História brasileira e à História da conquista das américas, da ocupação das américas.

Ex Presidente da República, ex senador pelo Amapá

Membro da ABL e da Academia de Ciências de Lisboa; escreve no **Diário do Amapá** todos os domingos



Cresce número de ocorrências de roubo de gado

Estimativas das entidades ligadas à pecuária local dão conta de que pelo menos 24 mil cabeças de bois e búfalos são furtadas por ano no Amapá; prejuízo superior a R\$ 42 milhões.

Reportagem: **Cleber Barbosa**

Exatamente quando o agronegócio desponta no Amapá, com grande esforço de produtores locais para se manterem competitivos e equilibrar as coisas em relação à importação de carne de outros estados, o setor experimenta o dissabor de enfrentar uma onda de roubos de gado. Estimativas dão conta de que pelo menos dois mil animais são furtados por mês, uma projeção para absurdas 24 mil cabeças por ano, o que representa prejuízo anual de R\$ 42 milhões.

Esses números revelam quão assustador é o problema, na verdade o maior deles atualmente, pois até mesmo a barreira da febre aftosa está sendo superada com o reconhecimento do estado como livre de vacinação. Os pecuaristas são pessoas apaixonadas pelo que fazem, como também pacíficos, o que menos querem são conflitos, mas algo precisa ser feito, dizem eles, que propõem ampla discussão a respeito, pois a violência dos

ataques ocorrem de Vitória do Jari ao Oiapoque, com predominância na região do Baixo Araguari, que compreende as áreas dos municípios de Pracuuba e Amapá. Há casos em que a ação dos bandidos resultou no roubo de lotes inteiros de 20 a 30 animais.

● ESPERANÇAS

Mas algumas iniciativas têm surtido efeito, segundo conta o consultor de agronegócio Juan Monteiro. São operações de repressão e também ações de inteligência do aparelho de segurança do estado. E um personagem é apontado como um verdadeiro 'xerife' no campo, o tenente PM Fábio, que realiza incursões noturnas com suas equipes, o que tem tido bastante efeito. "Além da evasão de receita, trata-se de um problema de saúde pública, pois o gado roubado vai para o abate clandestino, e a população deixa de consumir carne de qualidade, com inspeção", diz o militar.



Policimento no campo

No pasto


 A visão de animais nos campos amapaenses agora é objeto de muita apreensão por parte de produtores locais.



Foto: Divulgação.



- Lotes inteiros de 30 a 40 animais já foram levados por bandidos que costumam agir à noite.
- O uso da tecnologia tem sido boa ferramenta para combater os crimes.

→ Continua

Produtores recorrem até a sobrevoos de drones

Os números sobre avanços no setor já colocam o Amapá como o segundo maior produtor nacional de búfalos, perdendo apenas para o estado do Pará. “Isso a partir da organização do setor e dos investimentos privados, especialmente em tecnologia genética”, diz Jesus Pontes, presidente da Acriap (Associação dos Criadores do Amapá), entidade que congrega os 50 maiores pecuaristas do

meta é reagir e despontar para o mercado mundial. O chamado baby búfalo, por exemplo, leva em média dois anos e meio para ir ao abate, o que vem sendo considerado um avanço significativo para o mercado, pois já responde por 50% do consumo.

Isso remete à uma capacidade instalada de buscar novos mercados, como por exemplo o da Guiana Francesa. “Na verdade, a carne brasileira já está em

Ele tem razão, pois a carne brasileira tem grande apelo internacional, especialmente a carne de búfalo, a partir de melhoramentos genéticos que o Brasil detém ampla liderança mundial. “A indústria de couro clama pelo couro do búfalo a partir das novas tecnologia, também de manejo”, diz Jesus Pontes.

● QUADRILHA

A reportagem localizou tam-

Foto: BRUCE BARBOSA



● O presidente da Associação dos Criadores do Amapá (Acriap), economista Jesus Pontes, em entrevista ao jornalista Cleber Barbosa, na Diário FM. Ele recorre ao reforço do policiamento e até uso da tecnologia de drones para aumentar a fiscalização.

Amapá, distribuídos numa área de 1,6 mil hectares para produção de proteína animal, com o destaque de que o fazem sem desmatar 90% dessa faixa de terras do território amapaense.

● CRESCIMENTO

E o setor não pensa pequeno, ao contrário, o céu é o limite, afinal o Brasil é um dos líderes mundiais na produção de suínos e frangos, então mesmo com a turbulência gerada pela mal dada operação ‘Carne Fraca’, a

Caiena, mas via Paris, de produtores de Goiás e do Mato Grosso”, explica Pontes, referindo-se aos grandes exportadores de carne brasileira para a Europa, dentre eles a França, que remete a carne “de volta” ao continente, via Guiana Francesa.

Para o dirigente da Acriap, a vizinha do lado de lá do rio Oiapoque é sim um mercado em potencial que está sendo trabalhado para se transformar em um importante mercado consumidor para os pecuaristas amapaenses.

bém o presidente da Federação dos Pecuaristas do Amapá, Iraçu Colares, que tem opinião formada a respeito da onda de roubos de gado, logo quando o setor desponta para se tornar ainda mais importante para a economia. “Na verdade, sempre tivemos essa prática por aqui, mas nada como nesta escala industrial como se vê, o que para mim revela ser gente de fora do estado, coisa de crime organizado, mesmo”, diz o pecuarista, que também é engenheiro agrônomo.



Iraçu Colares diz que agora os grupos de ladrões de gado não se limitam apenas em levar os animais. “Estão levando de tudo, fazendo a limpa, mesmo, em muitas propriedades, sem contar o uso da violência”, aponta o dirigente da entidade. Entre as alternativas para o enfrentamento do problema, Colares diz ser importante a ação coordenada e consorciada das forças de segurança do estado. “É preciso que os serviços de inteligência desses órgãos compartilhem informações para se chegar aos autores”, diz. Ele fala ainda que nas comunidades e cidades do interior as pessoas até já sabem identificar alguns suspeitos locais de colaborar com os grupos de fora, mas a dificuldade está em provar e levar adiante uma acusação.

● ESCALA

Segundo a reportagem apurou, a ação dos ladrões de gado possui algumas características regionais, digamos assim. É que em fazendas da região do rio Araguari até balsas são utilizadas para carregar lotes inteiros de bois e búfalos. Na região de Tartarugalzinho, os animais saem em caminhões boiadeiros; no rio Pedreira, a escala é menor, com ocorrências de um, dois ou três animais por vez, que deixam os campos até em carros pequenos. “Há casos em que os ladrões fazem remarcações nos animais ou então retiram as orelhas onde estão as etiquetas de propriedade do gado”, diz o pecuarista Jesus Pontes.

Mas além de uma resposta por parte do policiamento rural, os produtores estão re-

correndo à tecnologia para melhorar a fiscalização das propriedades. Com ajuda de pesquisadores da própria Universidade Federal do Amapá (Unifap), estão desenvolvendo uma técnica de marcar o gado com um chip, e a partir daí ter um controle mais efetivo em caso de precisar ser localizado. “Também já estamos usando drones para fazer sobrevoos nas fazendas, apesar de que esses equipamentos ainda possuem limitações como autonomia de voo e distância percorrida, mas sem dúvida são ferramentas valiosas para o enfrentamento do problema”, diz Pontes, que também diz ser importante o uso de câmeras especiais com visão noturna,

pois a maioria das ocorrências envolvendo roubo de gado acontece à noite.

● ESCALA

O problema do roubo de gado já foi levado a várias reuniões na Casa do Agro, entidade que congrega duas importantes entidades do setor, a própria Acriap e a Aprosoja (Associação dos Produtores de Soja e Milho). Prova incontestada mobilização de pecuaristas e agricultores em torno do Agromercado, é também um foro apropriado para fomentar o debate e buscar com o apoio do poder público uma solução para o problema dos ataques a propriedades rurais no interior do Amapá. ●

Foto: AGÊNCIA PARÁ



● O experiente Iraçu Colares, da Federação de Pecuaristas do Amapá, diz que a prática do roubo de gado vem de longe, mas agora está em “escala industrial”.



Búfalos selvagens proliferam no Amapá e destroem ecossistema; abate pode reduzir impactos ambientais e garantir carne a preços acessíveis para população

Apesar de polêmica, a medida é defendida por especialistas para conter os danos ambientais causados pelos animais. A carne poderia ser vendida a preços populares em todo o estado e evitar a destruição do ecossistema da região, mas infelizmente não pode reverter a tragédia da extinção do fenômeno da Pororoca que, enfraquecida pelos canais cavados pelos animais, associada, à ação danosa das hidrelétricas, mudou-se para outros locais. A manada é estimada atualmente em mais de 50 mil cabeças que estão sob a tutela do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMbio), sem pessoal suficiente para proteger o rebanho das investidas de caçadores clandestinos, que de vez em quando provocam incêndios criminosos na floresta para facilitar a captura dos animais, como também não possui recursos tecnológicos para impedir a destruição do ecossistema por seu irrefreável crescimento.

Texto: **Ramon Palhares**

O crescimento desordenado do número de búfalos selvagens na região do Araguari, no Amapá, com maior concentração dentro e no entorno da Reserva do Lago Piratuba, tem causado incalculáveis e irreversíveis prejuízos para o ecossistema da região. O mais impactante foi a extinção do fenômeno da Pororoca no rio Araguari, que enfraquecido pelos canais cavados pelos animais, associado à ação danosa das hidrelétricas, mudou-se para outros locais. A manada é estimada atualmente em mais de 50 mil cabeças, que estão sob a tutela do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMbio), que não tem pessoal suficiente para proteger o rebanho das investidas de caçadores clandestinos, que de vez em quando provocam incêndios criminosos na floresta para facilitar a captura dos animais.

Diante desse quadro desolador, o abate de búfalos pode ser a solução para conter os danos ambientais. Para especialistas, apesar de polêmico, o abate pode conter o aumento descontrolado do rebanho. A medida, que já é adotada em Rondônia, mais exatamente na região do vale do Guaporé, próxima à fronteira com a Bolívia. Assim como acontece naquele estado, o abate pode beneficiar toda a população do estado com venda da carne a preços populares, como acontece com o pescado, através de programas executados pela Prefeitura Municipal de Macapá e governo do estado, através da Pescap (Agência de Pesca do Amapá).

Para o ambientalista Eduardo Cristo Gomes, o abate de búfalos é uma necessidade emergencial, porque os animais ocupam uma grande região de áreas protegidas e têm causado profundas transformações no meio ambiente. “Não estamos falando de animais pequenos, inofensivos, mas, sim, de animais de grande porte que andam em manadas e formam trilhas que se transformam em valas. A situação é ainda mais grave durante as chuvas, porque as águas escoam o sedimento presente nessas trilhas para os rios e

lagos, causando assoreamentos”, diagnostica Eduardo Gomes.

Outra observação feita pelo ambientalista é a falta de controle natural da produção: “A proliferação dos búfalos é desordenada, tanto por falta de políticas públicas voltadas para o setor, como também pela ausência de controle natural; por não haver predadores para os búfalos na região, eles estão no topo da escala predatória, além de expulsar e destruírem o habitat de animais nativos da região do Araguari, isso sem falar na destruição do próprio cenário natural, como ocorreu com o fenômeno da Pororoca”.

Relatos de moradores da região do Araguari mostram que a proliferação dos búfalos vem acontecendo ao longo dos tempos, mas foi ainda mais intensificada após o Instituto Chico Mendes assumir o controle ambiental da Reserva Piratuba: “Os búfalos passaram a ter proteção do Estado, isto é, o abate ficou proibido e consequentemente o rebanho foi aumentando sem qualquer controle, resultando numa superpopulação sem qualquer contrapartida para a população, pelo contrário, o aumento desordenado do rebanho só causa prejuízos à natureza”.

O aposentado Anastácio Figueira, de 73 anos, nascido nas margens do rio Araguari, diz que a proliferação começou através da formação de pequenos grupos de animais que se desgarraram dos rebanhos de fazendas da região: “A criação de búfalos em pequenas fazendas foi o início de tudo; como se trata de animais que não são criados em áreas cercadas, por sua própria natureza rudimentar, muitos foram se desgarrando dos rebanhos e formando as suas próprias manadas, em ambiente selvagem, sem qualquer contato direto com o homem; ao longo do tempo muitos foram abatidos para o consumo e mesmo para a comercialização da carne; mas assim mesmo eles foram se multiplicando e a situação piorou ainda mais quando o Instituto Chico Mendes assumiu o comando ambiental da região, assumindo a propriedade dos búfalos selvagens, culminando com essa superpopulação”.



Lei autoriza erradicação de bubalinos na região do vale do Guaporé, em Rondônia

Em Rondônia, a solução para a degradação ambiental causada por búfalos foi radical: projeto de lei aprovado pela Assembleia Legislativa do estado e sancionado pelo governador Confúcio Moura autoriza o abate até a completa erradicação dos cinco mil búfalos que habitam a região do vale do Guaporé. A medida casou polêmica, mas foi muito bem recebida até mesmo por ambientalistas radicais, que reconhecem os graves prejuízos que a proliferação dos animais vem causando ao meio ambiente.

A Lei Nº 3771, de 21 de março de 2016, que institui o Regulamento de Execução de Medidas para a Erradicação dos Búfalos (*Bubalus bubalis*) da Rebio (Reserva de Biodiversidade) do Guaporé, bem como das áreas do seu entorno, formadas pela Fazenda Pau D'Óleo e Resex (Reserva Extrativista) Pedras Negras, determina a remoção ou sacrifício dos búfalos com aplicação de métodos que minimizem perturbações no ecossistema e preservem o primitivismo das áreas, sob a responsabilidade de profissionais qualificados, com o processo sendo obrigatoriamente acompanhado pela Agência de Defesa Sanitária Agrossilvipastoril do Estado de Rondônia (Idaron) e pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Ainda de acordo com a lei, o abate dos animais tem que ser feito em frigorífico mediante autorização dos órgãos governamentais competentes e praticado mediante meios próprios ou por quem o órgão eleger, incluindo a iniciativa privada, com obediência à Lei Federal nº 8.666, de 21 de junho de 1993, com a realização de estudos ambientais, fitozoosanitários e zootécnicos, desde que atendidas às legislações ambientais e sanitárias vigentes. Os valores

obtidos com a comercialização da carne são distribuídos na ordem de até 25% para as empresas executoras do serviço de captura e transporte dos animais, e o superávit obtido com a venda é destinado à recuperação de áreas degradadas da Fazenda Pau D'Óleo, criação da Unidade de Conservação da Fazenda Pau D'Óleo e estruturação e execução de ações de defesa sanitária animal de fronteiras.

Explosão demográfica

A criação de búfalos no vale do Guaporé teve início na década de 1950, quando aproximadamente 60 animais foram levados da Ilha de Marajó, no Pará, para uma fazenda na região, mas a falta de controle ao longo dos anos resultou numa incontável explosão demográfica dos bubalinos, causando danos irreversíveis à fauna e à flora. Conforme explica o secretário de desenvolvimento do estado, Francisco Sales, os animais são recolhidos em grandes currais, onde são feitos exames sanitários e permanecem em quarentena. Após o abate, eles serão distribuídos para frigoríficos.

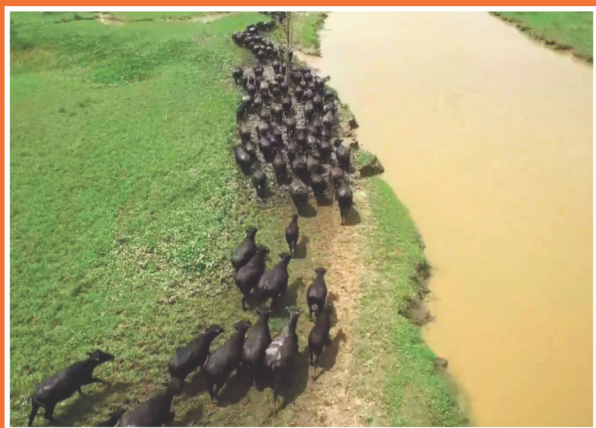
A diretora técnica do Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal, Vania Nunes, viu com ressalvas a medida, mas admitiu que a proliferação dos animais causa danos ao meio ambiente, impondo um controle técnico. "Houve um descaso com esses animais durante muitos anos, uma omissão do próprio governo do estado e dos órgãos ambientais para que o número de animais crescesse tanto. Deveria haver uma responsabilização legal por essa omissão", avalia.

A diretora ressalta que os búfalos estão apenas cumprindo a sua parte, isto é, reproduzindo-se e buscando comida: "Por isso, o dano ambiental que eles provocam aumenta conforme aumenta o número de animais. Infelizmente, quem vai pagar por isso são os próprios animais, já que, chegando a este ponto, é necessário diminuir o prejuízo". Ao justificar a erradicação, o secretário estadual de meio ambiente alegou que o rebanho solto na região estava causando degradação ambiental, risco a moradores e, devido ao modo de vida selvagem, não há controle de doenças.





Ação predatória dos animais é apontada como causa do fim da Pororoca



O crescimento desordenado de búfalos deixou o turismo do Amapá sem um dos seus principais atrativos, Pororoca no rio Araguari. O fenômeno natural era responsável até bem pouco tempo atrás pela ida à região de turistas de vários países e de muitos estados brasileiros, por causa das suas enormes e potentes ondas, que também serviam para a prática de um esporte que atraiu a atenção de todo o mundo, o ‘surf da pororoca’.

O próprio Instituto Chico Mendes reconhece que a movimentação de búfalos pode ter sido responsável pelo fim do encanto da Pororoca, com a criação de valas e canais que drenaram o curso d’água e assorearam o rio e lagos da região. De acordo com especialistas, o fenômeno é resultado da atração simultânea da Terra com o Sol e a Lua, de janeiro a abril, com três enormes ondas entrando nos canais dos rios.

A Federação de Pecuária do Amapá também concorda que a proliferação de búfalos selvagens pode ter contribuído decisivamente para o fim da Pororoca, mas descarta que a atividade pecuária, como um todo, tenha sido responsável pela extinção do fenômeno. Na opinião do presidente da Federação, Iraçú Colares, as três hidrelétricas construídas no rio também contribuíram para degradação ambiental.

Ondas gigantescas

O fenômeno da Pororoca não ocorre somente no Brasil, mas também em outros países, porém com outras denominações, como na foz dos rios Gironda, Charante e Sena, na França, onde é chamado de Mascaret; na Inglaterra se chama Bore, e ocorre na foz dos rios Tamisa, Severu, Trent e Hughly; em Bangladesh, na foz do rio Megma, o fenômeno é chamado de Macaréu, enquanto que na China, mais exatamente na foz do rio Yangtzé, é conhecido pelos chineses de Trovão.

No Brasil, além do Amapá, onde a Pororoca agora pode ser apreciada na região do Cassiporé, o fenômeno também ocorre no estado do Pará e no rio Mearim, no Maranhão, onde o encontro das águas promove verdadeiro espetáculo, mas provoca também um rastro de destruição nas margens dos rios, retirando muitas árvores, algumas delas de grande porte. No rio Araguari, entretanto, o fenômeno, de proporções gigantescas, criava ondas que percorriam mais de dez quilômetros, muito maiores do que acontecem nas demais regiões.

De acordo com especialistas, o fenômeno se torna mais forte por ocasião das mudanças de fase da Lua, principalmente nas luas Cheia e Nova, quando os níveis das águas oceânicas se elevam e invadem a foz do rio, com o confronto das águas gerando grandes ondas que podem atingir até dez metros de largura e cinco de altura, podendo chegar a uma velocidade que oscila entre 30 e 35 quilômetros por hora.



Caçadores provocam incêndios criminosos para facilitar captura de búfalos

O crescimento da população de búfalos na região do Araguaí também tem chamado a atenção de caçadores clandestinos, que constantemente provocam incêndios para facilitar a captura dos animais. Esses incêndios são recorrentes, mas o maior deles ocorreu em 2014, mobilizando brigadistas do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para o combate ao fogo.

O incêndio atingiu a Reserva Biológica Lago Piratuba, criada em julho de 1980 para proteger o bioma floresta amazônica. A Reserva está localizada no município de Cutias do

Araguari, no Amapá e abrange uma área de 392,4 mil hectares, onde habitam diversas espécies de peixes, aves e jacarés.

Em entrevista à imprensa na época, o coordenador de Emergências Ambientais do ICMBio, Christian Berlinck admitiu a suspeita de incêndios criminosos: “Os incêndios florestais podem ser causados por raios ou por algum tipo de ação humana. Como não houve tempestade com raio e tampouco existe agricultura ou uso tradicional do fogo na região, concluímos que o incêndio foi provocado intencionalmente”. Ele reconheceu que a caçada aos búfalos pode ser a motivação desses incêndios, considerando que cada animal vale em média R\$ 2 mil no mercado.

Catástrofe ambiental ameaça os recursos naturais da Amazônia

O Amapá possui atualmente mais de trezentas mil cabeças de búfalos, o segundo maior rebanho do Brasil, perdendo apenas para o Pará, cujo rebanho é estimado em pouco mais de quinhentas mil cabeças. Segundo ambientalistas, o crescimento sem controle do número de animais é o maior responsável pela catástrofe ambiental que o estado está sofrendo, em especial na região do rio Araguaí.

Além da formação de valas por causa do peso dos animais, provocando mudança no curso do rio, que resultou no fim da Pororoca em 2013, os milhares de moradores ribeirinhos não podem mais se locomover pelo rio e ficaram impedidos de pescar até mesmo para garantir a subsistência.

O economista Geraldo Bruno avalia que a grande quantidade de búfalos tem pouca efetividade na economia do Amapá, porque a pecuária, incluindo bovinos e bubalinos, corresponde a um pouco mais de 3% do Produto Interno Bruto (PIB) do estado, além do fato de que a produção de leite é muito baixa. Até mesmo a chefe da Reserva do Lago Piratuba, administrada pelo Instituto Chico Mendes, Patrícia Pinha, admite que o desvio artificial do curso do rio provocado pelo rebanho tem causado danos que, no futuro, terão impactos ainda maiores, como acontece no Bailique, na foz do rio Gurijuba, no Amapá, com a ocorrência do fenômeno Terras Caídas, que está destruindo as ilhas do arquipélago.

O senador João Capiberibe e sua mulher, a deputada federal Janete Capiberibe, ambos do PSB, entendem que a criação de búfalos está longe de ser considerada como importante para a produção de alimentos. Ambos admitem a possibilidade de boa parte do rebanho servir apenas para a demarcação de terras. Para a deputada não há justificativa para um rebanho tão grande no Amapá. Segundo ela, essa grandeza descaracteriza o meio

ambiente: “Existe a possibilidade do latifúndio. É estranho algo pouco lucrativo existir nessa proporção”.

O coordenador do grupo de pesquisas com búfalos da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Botucatu (SP), André Jorge, concorda com Janete Capiberibe, afirmando que é comum animais serem usados em latifúndios. Ele alerta para a diferença entre criadores e exploradores de animais, como os búfalos, e os danos que essa situação pode causar: “O animal encontra um ambiente favorável para se reproduzir sem a intervenção humana, e ele acaba virando selvagem, impactando no meio ambiente. A culpa não é do animal, e sim do criador; que para mim é um explorador. A prática é muito comum nas regiões onde o latifúndio predomina”.

João Capiberibe diz que durante o seu governo no Amapá apresentou projetos para incentivar o recolhimento do leite dos búfalos, que ficam, geralmente, em áreas inóspitas e alagadas, de difícil acesso. Porém, os criadores não aceitaram. Hoje, apesar do tamanho do rebanho, os amapaenses consomem queijo feito com o leite da fêmea do búfalo exportado de São Paulo. “Existem diversos motivos que levam à criação de búfalos, entre eles o incentivo financeiro, o baixo custo do manejo e algum consumo da carne, porém não descarto a ocupação de grandes áreas como reserva de valor”, pondera o senador, alertando que a destruição dos mangues também está ligada à criação de búfalos.

O búfalo é um animal rústico, que consome vários tipos de alimentos presentes na natureza, e sua manutenção exige poucos recursos financeiros, ao contrário do bovino, o que é um atrativo, principalmente para quem vive da fabricação de queijo, considerando que o leite da fêmea da búfala rende mais e o queijo é vendido por até o dobro do preço dos queijos feitos com leite de vaca.



Estudioso diz que no Brasil não há búfalos selvagens

Em artigo publicado na página do Grupo Brasil Safari Clube, o estudioso Cristiano Furtado, que se autodenomina ‘caçador’, afirma que, a princípio, não há no Brasil búfalos selvagens, tecnicamente falando, porque segundo ele todos os búfalos que estão no país são descendentes de animais domesticados trazidos como opção de fornecimento de proteína de lida mais rústica (carne e leite) para as populações humanas do norte do país no fim do século 19.

“Os primeiros 48 búfalos que pisaram no Brasil eram da raça Mediterrâneo comprados do conde italiano Rospigliosi Camilo, em Roma, pelo fazendeiro paraense Vicente Chermont. Esses animais foram embarcados no Porto de Nantes, na França, e transportados em um navio denominado Brasileiro, desembarcando na ilha de Marajó em fevereiro de 1895. A adaptação dos animais foi um sucesso e a notícia da nova criação correu como a solução definitiva para substituir o então frágil rebanho de bovinos que mal sobrevivia nas difíceis condições da enorme ilha. Nos anos seguintes, muitas outras importações foram realizadas pelo mesmo criador e por outros da ilha de Marajó, da região do Baixo Amazonas, do Nordeste e do Sul e de Minas Gerais”, narra o estudioso.

Com o passar dos anos, de acordo com Cristiano Furtado, os búfalos foram se espalhando pelo norte do Brasil: “No início, várias espécies foram importadas, mas depois de mais de cem anos de criação, apenas quatro espécies foram selecionadas como mais aptas e lucrativas. São hoje as raças reconhecidas pela ABCB (Associação Brasileira de Criadores de Búfalos). Nos dias atuais, em termos de população asselvajada, todas as quatro espécies apresentam representantes no território brasileiro. Algumas populações em maior número, outras menores, variando de acordo com o ambiente e a região em que sobrevivem”.

Prossegue o estudioso: “Das quatro espécies que temos reconhecidas hoje no Brasil, três (Murrah, Jafarabadi e Mediterrâneo) são animais de origem indiana da espécie *Bubalus bubalis*. São os chamados ‘búfalos de rio’ e possuem cariótipos $N2=50$. A quarta espécie se chama Carabao, (*Bubalis kerebau*). É um animal de origem asiática e sua classificação genética o difere dos búfalos indianos, pois se trata de um animal com cariótipo $N2=48$, classificado como búfalo do pântano”.

Ele esclarece a tipificação genética: “Cariótipo é o conjunto de cromossomos dentro do núcleo de uma célula. Na espécie humana, por exemplo, temos um cariótipo $2n = 46$, ou seja, cada ser humano possui 23 pares de cromossomos ordenados de forma homóloga (semelhante) que armazenam todas as informações genéticas da nossa espécie. Esse é o manual de construção e montagem do nosso corpo com todas as nossas características físicas”, pontuando que “a definição biológica de espécie é grupo de seres semelhantes que convivem juntos e tem a capacidade de cruzar entre si e gerar um descendente também fértil. Antigamente imaginávamos que dois animais de espécies (ou subespécies) diferentes só podem ter filhos férteis se compartilharem o mesmo número de pares de cromossomos”.

Conforme ele explica, esse entendimento é porque cada cromossomo que veio do macho precisa se alinhar com o que veio da fêmea no momento da divisão da célula fertilizada, mas assevera que “estudos recentes revelaram que o mecanismo de junção do DNA é bem mais complexo do que se imaginava. Antes se imaginava que a ‘máquina’ de criação de novas espécies baseava-se apenas no mecanismo de seleção natural via variabilidade genética. Hoje, no entanto, descobriu-se que a mãe natureza possui outras formas de criar novas espécies, cruzando animais semelhantes com número de cromossomos diferentes que produzem filhos férteis. Isso foi documentado no mundo inteiro, com orquídeas, rãs, alguns pássaros e também com búfalos”.

Espécies que vivem no Brasil

Levantamento feito por Cristiano Furtado aponta que as



espécies de búfalos existentes no Brasil são: Murrah, originária do sul do Punjab, na Índia, que possui como principal característica diferenciadora em relação às demais raças a forma da cabeça, que é mais comprida, e também dos chifres, que normalmente são pequenos e crescem para trás e para cima em forma de caracol, por isso o nome Murrah, que significa 'caracol' na língua hindu. As fêmeas chegam a pesar 500 quilos e os machos podem ultrapassar os 700 quilos.

O Murrah, muito comum nas fazendas do norte do Brasil devido à sua dupla aptidão (carne e leite), é a espécie predominante no Amapá. Por possuírem números de cromossomos idênticos aos outros dois representantes da família dos búfalos indianos (Jafarabadi e Mediterrâneo), podem cruzar entre si e produzir híbridos férteis com características físicas das duas raças.

A espécie Jafarabadi tem origem na floresta do Gir, península Kathiavar, oeste da Índia. Caracteriza-se pela forma

para trás e com pontas recurvadas para cima. As fêmeas adultas chegam a 800 quilos, e os machos apurados podem chegar aos 1000 quilos. Eles são muito agressivos em estado selvagem e podem cruzar com as espécies Murrah e Jafarabadi, o que dá origem a híbridos férteis com as duas características.

A outra espécie é a Carabao, que tem origem no Continente Asiático, mais precisamente na Indonésia, Filipinas e Srilanka. A pelagem é rosilha ou negra com pelos mais claros nas patas. São animais de porte menor, mas possuem longos chifres retos com afiadas pontas voltadas para trás. É um animal de grande rusticidade e extremamente adaptado a regiões alagadas. Possui fibras musculares mais poderosas e adaptadas para as regiões pantanosas. Fora do Brasil são conhecidos como swamp buffalo, cuja tradução para o português significa búfalo do pântano.

Estudos mostraram que seu cruzamento com búfalos in-



peculiar da cabeça e chifres longos e caídos ao lado da cabeça. É o maior e mais pesado dos bubalinos. A pelagem é preta e bem definida. Os machos mais velhos passam facilmente de mil quilos e está mais presente no centro e no sudeste do Brasil. É também a de menor população asselvajada, tendo pequenos rebanhos alongados em Goiás, Mato Grosso e Tocantins, e também pode cruzar com os outros dois representantes indianos (Mediterrâneo e Murrah) e gerar descendentes férteis. É um animal que não tem tanta beleza nos chifres caídos, que são também um tanto irregulares, mas que impressionam pelo porte.

O búfalo da espécie Mediterrâneo tem raízes indianas, mas foi melhorado e adaptado para a criação europeia há quase dois séculos, sendo a Itália o seu primeiro país de origem e maior concentração. Por isso também é conhecido como 'búfalo italiano'. A espécie foi a primeira importada e é o bubalino mais difundido no Brasil, com rebanhos asselvajados, como diz o estudioso, em Tocantins, Goiás e Mato Grosso. Fisicamente ele é maior que o Murrah e menor que o Jafarabadi, com chifres grossos e fortes, um pouco voltados

dianos (principalmente o Mediterrâneo) tem resultados em híbridos férteis que nascem como uma nova espécie, ao contrário das demais raças. Esses híbridos maiores e de chifres espetaculares são chamados de Marajoara e habitam toda a ilha do Marajó. O cruzamento ocorre há mais de cem anos, e os Carabaos puros são raríssimos hoje no Brasil. Eles estão presentes em toda a região Norte, inclusive no Amapá, Roraima e algumas regiões do Baixo Amazonas.

Os búfalos dessa raça são dóceis quando domesticados e servem de montaria para diversas atividades, sendo muito utilizados para puxarem carroças de carga, mas são extremamente agressivos e mal humorados quando criados livres na natureza. Um prova de sua agressividade e da sua capacidade de prosperar é a população de mais de cinco mil búfalos selvagens que se reproduziam livremente há mais de 50 anos e estava destruindo os ecossistemas da Reserva Biológica do Guaporé, em Rondônia, cujos abates foram autorizados por Lei aprovada na Assembleia Legislativa e sancionada pelo governador Confúcio Moura em janeiro de 2016.



Historiador amapaense previu em 1991 o desaparecimento da Pororoca no rio Araguari



O historiador, jornalista e escritor amapaense Hélio Pennafort, falecido em 19 de fevereiro de 2001, previu com muita antecedência o desaparecimento da Pororoca no rio Araguari. Em artigo publicado no jornal A Província do Pará, na página do Jornal do Amapá, edição nº 321, em 3 de novembro de 1991, que foi republicado no blog Canto da Amazônia, do sociólogo e escritor Fernando Canto, em 27 de novembro de 2012. Hélio Pennafort assim descreveu a magia, os encantos e as consequências dos búfalos, como também anunciou o fim do fenômeno, como de fato ocorreria em meados de 2013:

“Vários rios amapaenses ficaram conhecidos mais pelo seu lado pororoqueiro do que por sua extensão ou por sua importância sócio-econômica. Tudo por conta das estórias de embarcações e estórias de pescadores que corriam por este mundo afora dando conta de ondas gigantescas que revolucionavam a embocadura dos rios, derrubando árvores, empurrando a ribanceira mais para dentro, espanando a tralhotada e emborcando incautas igarités ou barcos desavisados que achavam de passar naquela hora lá por perto. Fatos reais se misturavam à fantasia. Entre os reais alguns bem tristes. Como o naufrágio de uma pequena canoa motor de popa às proximidades do igarapé Maruani, afluente do rio Cassiporé, que provocou a morte do médico Lélío Silva e do comissário de polícia Deusdeth, que estavam na região a serviço do governo do território. Na embarcação ainda se encontravam a enfermeira Nair Guarany Lemos e dois caboclos que escaparam porque sabiam nadar e tiveram muita sorte. Eles baixavam o Cassiporé em direção à vila de Taperebá. Quase na hora da

Pororoca passar, encostaram na margem por medida de segurança. Já se ouvia a zoadá. Minutos depois, apareceram as primeiras ondas. Quando passaram, acordando o barranco, o Deusdeth insistiu para que todo mundo embarcasse na canoa e seguisse viagem. De nada adiantaram as ponderações da enfermeira Nair e dos caboclos. Lá se foram. Só que o comissário, que pilotava a canoa, subestimou o banzeiro da retaguarda, tão perigoso quanto as ondas de linha de frente. Resultado, a canoa virou. Dr. Lélío e Deusdeth, que não sabiam nadar, desapareceram na escuridão barrenta do Cassiporé. Dias depois encontraram os corpos abaixo da vila do Taperebá, a uns 30 quilômetros do local do acidente.

Outro estrago que a Pororoca fez foi às proximidades da ilha do Maracá. Ivanildo dos Santos, Orlando Cordeiro e Antonio Maranhense passavam por ali há três dias, sem nenhum problema. Tripulavam a canoa ‘Dois Amigos’, usada na pesca da gurijuba. De repente, eles se viram na maior enrascada da vida. Na época – já lá se vão uns 20 anos -, eu narrei o fato para a Rádio Educadora: “Acompanhada de poderosas ondas, a enchente apanhou a canoa de surpresa e a ventania começou por rasgar a vela, quebrar o mastro e, finalmente, afundá-la. Ivanildo, Orlando e Antonio ficaram assim, repentinamente, ao sabor das ondas que de tão altas não deixavam ver o mato”. Agarrados na canoa de leme, os naufragos, de início, se limitavam a balançar lentamente os pés para garantir a cabeça fora d’água e poupar energias, pois a distância a vencer não era pequena, embora contando com a correnteza para ajudá-los. Ivanildo e Orlando, por serem mais jovens, estavam



resistindo bem ao impulso das ondas. Na metade da terrível jornada, entretanto, Antonio Maranhense começou a implorar ajuda dos companheiros. Conta Ivanildo: “Primeiro ouvimos ele pedir para que nos desse a mão para ele ajudar a se sustentar na canoa de leme. Depois ele começou a querer nos agarrar, pra vir na costa da gente. Nós vimos que o homem estava desesperado, mas não deu... Se fizesse o que ele queria, morria todo mundo. Largamos ele e viemos embora. Gastamos quase toda a maré (enchente) para alcançar a beira. Ficamos horas e horas de bubuia”. Outro caso entre os inúmeros registrados na costa norte amapaense, aconteceu com dois barcos de propriedade do governo. O iate São Luiz, mal atracado no Marcílio Dias, não resistiu à passagem de uma rebarba de pororoca perto do Ariri e foi para o fundo em questão de minutos. Fim humilhante para um vigoroso barco acostumado a enfrentar vagalhões na rota Macapá/Oiapoque, que cobria regularmente. Em pane, vinha sendo rebocado pelo Marcílio, quando pegou o rabo da maré. E só não venceu mais esse desafio das ondas porque não tinha um filho da mãe para segurar o leme. Ficou indefeso, desequilibrado.

A pororoca avisa com alguma antecedência quando vai aparecer. Escuta-se ao longe um barulho mais ou menos parecido com o que sai quando a gente sopra na boca de uma garrafa. E vai aumentando, aumentando, até que aparecem as primeiras ondas, seguidas de um barulho d’água que às vezes mete medo. Imediatamente à passagem das ondas precursoras, o nível do rio aumenta visivelmente. E a força da correnteza vai tocando rio adentro tudo o que derruba ou encontra pelo caminho. Toras de madeira, galhos de árvores, troncos de miritizeiros. Feita a desarrumação costumeira, a Pororoca desapareceu no dobrar do primeiro estirão, o rio já encheu mais um metro. A aos poucos a tranquilidade volta ao lugar. Essa descrição é de quem assistiu ao fenômeno na embocadura de um rio. Dentro dele, numa parte que seja relativamente estreita, além da zoada e do borbulhar, escuta-se também o quebrar dos galhos e o cair das árvores que não estejam bem fincadas.

A mais famosa das pororocas movimentava a foz do rio Araguari. Mormente nos três primeiros meses do ano, quando aparecia com toda a aterradora exuberância. A sua fama chegou ao Japão. Uma das principais redes de televisão japonesa, a NHK, mandou sua equipe acampar numa das fazendolas do Araguari. Levou imagens sensacionais que causaram espanto à japonesada. Amaral Neto, no tempo em que se dedicava ao jornalismo, também levou daqui boas reportagens sobre a Pororoca, um fenômeno que ainda hoje é desconhecido até mesmo pela maioria dos amapaenses, e quem não a viu quando era grande, paciência.

Chegam notícias de seu desaparecimento paulatino. Principalmente a do Araguari, por culpa do assoreamento do rio, segundo os entendidos. Pode ser. Porque até hoje ninguém informou com detalhes o que é uma Pororoca. Dizer que é o encontro da água do rio com a água do mar é papo furado. Se fosse assim, todos os rios tinham a sua Pororoca. Por enquanto, a explicação mais aceitável é que

ela seja o resultado da formação topográfica do leito do rio com a força da maré no início do fluxo. Isso justifica até o fato de a Pororoca às vezes crescer, às vezes diminuir de intensidade. A força da maré, afinal, recebe também influência da Lua. Só que agora ela está sumindo mesmo.

Adauto Pantoja mora na fazenda Bom Amigo, na foz do Araguari. Sua casa serviu de base de operações para a equipe da TV NHK e da Rede Globo. “Está havendo muita mudança com a Pororoca. Ela já foi muito porruda, agora está pequena. E antes era mais forte em março e abril. Já esse ano cresceu mais em fevereiro. Mas para o que era, esta diminuindo muito”, disse Adauto. Francisco Paulino Rodrigues, o Careca (40 anos), nasceu no Cassiporé e desde os dez anos trabalha embarcado. Começou numa canoa à vela de seu pai, Dico Batista, fazendo viagem para Oiapoque levando melancias, jerimuns, porcos e galinhas. Hoje tem um barco motorizado e dedica-se à pesca no litoral. “Eu já me alaguei uma vez no Bailique quando fui surpreendido por uma Pororoca muito menor do que a que tinha no Araguari. Faz algum tempo. O erro foi meu que não coloquei a canoa no canalão. Fundeei numa parte mais ou menos rasa e quando a pororoca apareceu fez o estrago. Mas deu para eu recuperar o barco e não aconteceu nada com os tripulantes”. Falando com desenvoltura enquanto descarrega o peixe na doca do Igarapé das Mulheres, careca garante que a pororoca do Araguari está diminuindo a olhos vistos. “Quando ela estava no pique, alcançava até mais de cinco metros de altura. Hoje talvez nem chegue aos dois nos dias em que ela apareceu maior”. Consumindo até 15 dias em cada jornada de pesca, Careca acha uma explicação para o desaparecimento da Pororoca do Araguari: “O rio, na foz, está bem raso. E continua secando. Daí ela perde a força porque a Pororoca precisa de uma quantidade certa de água para crescer. Nem muito fundo, nem muito raso”.





O que é importante está na pauta da

Os números não deixam dúvida: o primeiro semestre foi de muito trabalho na Assembleia Legislativa. Estiveram em pauta mais de 4.070 proposições sobre os mais variados temas.

As atividades dos deputados, seja em plenário, nas comissões ou nas representações externas, espelharam o grande volume de demandas das comunidades de todo o Estado. O foco também esteve nas discussões dos grandes temas. A cada debate, uma nova ideia. A cada ideia, um avanço no caminho para o desenvolvimento que todos desejam, em uma atuação que garantiu voz e participação aos amapaenses.

Na gestão, diversos avanços conquistados na reestruturação administrativa, redução de gastos, adequação fiscal, transparência e criação de canais de interação com a sociedade.

nte para o povo do Amapá Assembleia

Indicação **2.622**

Requerimento **2.178**

Projeto de Lei Ordinária **169**

Moção **49**

Projeto de Decreto Legislativo **30**

Projeto de Resolução **17**

Projeto de Lei Complementar **3**

Proposta de Emenda Constitucional **2**

Proposições Votadas **1.938**

Tramitação Legislativa **32.147**

M2 Comunicação



FROM / Luiz Melo

→ E-mail: luizmello.da@uol.com.br → Fone: (96)3223-2779 → twitter: @luizmelodiario



Autoridades e funcionários corruptos carecem de moral e de competência.



Rugatto Boettger, articulista e empresário

Perigo

Sesa confirma que Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), como hipertensão, diabetes, renais, problemas circulatórios e câncer, representaram quase 20% das internações da rede pública de saúde. 20% dos óbitos ocorrem por doenças circulatórias. ●

Velhinha boa

Setembro foi de muita festa pra quem já fez e para os que hoje fazem parte da equipe da Rádio Difusora. Cada vez mais forte e extremamente simpática e útil, velhinha chegou aos 71 anos contando a História do Amapá e encantando várias gerações. ●

Esperneio

Mira Rocha (PTB) cada vez se enrola mais: Justiça recebeu ação de improbidade proposta pelo MPA, que cobra ressarcimento de mais de R\$ 300 mil supostamente por locações fantasmas de veículos, de setembro de 2011 a dezembro de 2012. ●

Aperto

No pacote de privatizações do setor elétrico, CEA deverá aumentar em 11,8% a conta de energia até novembro. Medida, diz Aneel, é pra valorizar mais a empresa na venda para a iniciativa privada. ●

Enfrentamento

Apesar da intensa queda de braço travada com vândalos, CTMac prossegue de forma célere sinalização das vias de Macapá. Serviços são feitos na calada da noite para evitar transtornos no trânsito. ●



Vocês estão mexendo com um político que nunca roubou.

Lula, ex-Presidente

Pódio

Curso de Medicina da Unifap está entre os 32 melhores do país, segundo levantamento do MEC. Alvíssaras. ●

RÁPIDAS

● Liberação

Amapá agora está livre para exportar carne. MAPA já publicou no DOU instrução normativa que certifica o estado como livre de aftosa com vacinação. Bem que excesso de búfalos na região do Araguari poderia reforçar caixa na pauta de exportações.

● Placar

É preciso combater mais efetivamente a violência, porque por enquanto, apesar dos esforços das polícias, a PM em especial, a bandidagem está ganhando de goleada. Há que se fazer alguma coisa antes que seja tarde demais.

● Fatura

Levantamento do CNJ mostra que custo mensal de cada juiz no Brasil, incluindo os que estão na ativa e os aposentados, é hoje de R\$ 47,7 mil por mês, incluindo desembargadores e ministros dos tribunais superiores, à exceção do STF, que não entra na conta.

● Telona

Cinema tucuju agora pode deslanchar com publicação do 1º edital de produção audiovisual, que financiará 12 trabalhos amapaenses, ao custo de R\$ 2 milhões da Ancine, e contrapartida de R\$ R\$ 1 milhão do GEA.

● Desleixo

Tubulações de água da zona norte quebram de forma recorrente por causa do intenso tráfego de caminhões pesados. Sinal que serviços não foram bem feitos, dando um trabalho danado para a atual gestão da Caesa.



Rejeição

Camilo insiste: Nem pensar PSB apoiando Davi (DEM) para disputar o Setentrião, mas pondera: como apoiador será muito bem vindo, obrigado. ●

Violência

Policiamento escolar trabalha muito, mas crimes aumentam em grande escala não apenas no entorno, mas agora também dentro das escolas. É preciso reforçar equipe, porque apenas uma viatura e oito bravos PMS não dão conta de conter criminalidade em 78 escolas em Macapá. ●

Lerdeza

Professores reclamam da lentidão da Samp para julgar processos administrativos que cobram direitos adquiridos antes de migrarem para a União, que representam nada menos que 20% a mais nos contracheques. ●

Proibição

Alegando que empresa Total E&P não é competente em casos de vazamentos, Ibama negou licença para exploração de petróleo na costa do Amapá, mas decisão, segundo especialistas, tem a ver com atuação do Greenpeace para impedir exploração do petróleo. ●

Criminalidade

Falta de políticas públicas eficientes e investimentos em inteligência e informações estão transformando Macapá numa espécie de favela do RJ, com tantos homicídios e roubos ocorrendo frouxamente. Situação está insustentável! ●

Transparência

Aplicativo na internet disponibilizado por Capi (PSB) permite acompanhamento real pelas redes sociais de todas as atividades parlamentares dele e da deputada Janete. Exemplo poderia ser seguido por toda a bancada. ●

Posição



Marina Silva diz que extinção da Renca é moeda de troca com parlamentares para Temer se manter no poder. Coerente, ela defende a exploração da Amazônia, desde que não seja de forma predatória, como está se desenhando, no ver dela. ●

Aleluia!

Finalmente agora é pra valer: edital para Concurso da Defenap será lançado ainda neste ano. Ao todo serão oferecidas 30 vagas. Lançamento é prometido para dezembro. ●

Voo solo

Apesar da parceria política com Randolfe (Rede), Lemos confirma possibilidade do Psol ter candidatura majoritária própria, pelo menos para o Senado. Decisão não cabe a ele, mas sim à direção nacional do partido, adita. ●

Óbitos

Cardiologista Eduardo Monteiro alerta que AVC já supera o infarto agudo do miocárdio em mortes. E o Amapá é campeão brasileiro de ocorrência de casos, segundo o MS. ●

Superação

Desviando o olhar da crise, Superti (Unifap) conseguiu destravar R\$ 35 milhões de emenda de bancada e afastou fantasma de paralisação das obras do Hospital Universitário (HU). Mas continua pisando em ovos por corte nos repasses do MEC para a instituição. ●

GPS

Já na porta de saída do PCdoB, Milhomen busca um novo porto seguro onde atracar barca política, doravante. Não será a Rede, apesar das boas relações com Clécio e Randolfe. ●

Ronda



Com população de mais de 4 mil moradores, bem superior a muitos municípios, Macapá recebe investimentos do GEA na segurança, com viaturas e homens 24 horas no conjunto. ●



‘Terras caídas’

Fenômeno natural pode varrer do mapa o arquipélago do Bailique

Mais de uma centena de imóveis, entre os quais escolas e um posto de saúde, já foram destruídos, e uma extensa área de terras foi devorada pelas águas que avançam com fúria avassaladora sobre o arquipélago do Bailique, um conjunto de oito ilhas no leste do Brasil, localizado à cerca de 180 quilômetros de Macapá, a capital do estado do Amapá, cujo acesso é feito somente por via fluvial, através do rio Amazonas, e aeronaves de pequeno porte.

Texto: **Ramon Palhares**

Formado pelas ilhas Bailique, Brigue, Curuá, Faustino, Franco, Igarapé do Meio, Marinheiro e Parazinho, onde residem atualmente cerca de 15 mil pessoas, de acordo com estimativas da própria população (sete mil segundo o IBGE), em 52 comunidades reconhecidas oficialmente, o Bailique está fadado ao desaparecimento por conta da erosão causada pelo fenômeno das Terras Caídas em que a força das águas literalmente destrói o continente. Segundo especialistas, de dez anos para cá aproximadamente 20% do território do arquipélago já foram devorados pela erosão.

Das oito ilhas que compõem o arquipélago, apenas duas não são habitadas: Ilha do Meio e Parazinho, onde está situada a Reserva Biológica do Parazinho (área de proteção integral que desenvolve importante projeto de preservação de quelônios da Amazônia - Projeto Q-AMA), que também sentem os efeitos das Terras Caídas. A população local conta apenas com uma Unidade Básica de Saúde (UBS) localizada na Vila Progresso. Com a maior concentração de habitantes e onde se

localizam todos os órgãos públicos da região, Vila Progresso, localizada na Ilha do Brigue, é considerada a ‘Capital do Arquipélago’.

Nos últimos dois anos mais de cem casas foram destruídas, a maioria em Vila Progresso, por causa das Terras Caídas, que ameaçam outras mais de duzentas casas, além de grande parte das 4.100 passarelas, pontes de madeira que servem de passagem entre os moradores das ilhas que compõem o distrito. A Unidade Básica de Saúde de Vila Progresso também não resistiu à erosão e desabou, sendo construída outra à cerca de 180 metros da antiga. Postes da rede distribuição da energia elétrica são constantemente substituídos. Várias escolas também sucumbiram à ação das águas, e outras também estão ameaçadas de ruir, entre as quais a Escola Bosque, mantida pelo Governo do Estado do Amapá (GEA), considerada modelo no estado e tida como referência nos ensinos Fundamental, Médio e de Educação de Jovens e Adultos, onde estudam quase 1.500 alunos em 17 salas de aula, distribuídos nos três turnos.



“

“Na planície, filha das águas, corre pelas águas, como o sangue nas veias, o impulso da civilização, o protoplasma sedimentário que vitaliza o solo, a força geradora que tece com mil aluviões a terra alteada dia a dia do nível baixo dos igapós, das várzeas, em firmes e colinas, que volve ilhas em penínsulas, que também traga, na sua função de desagregar aqui para construir acolá, a terra frouxa solapada pela corrente”.
(Leandro Tocantins em O Rio Comanda a Vida)



Especialistas estudam fenômeno, acompanham sua evolução; população cobra, mas não há políticas públicas para salvar ilhas

Técnicos de vários órgãos públicos já fizeram incontáveis expedições ao arquipélago com o objetivo de estudar o fenômeno Terras Caídas e elaborar estudos para a contenção da erosão. A última, integrada por equipes da Defesa Civil, Secretaria de Estado de Cidades e da Universidade Federal do Amapá (Unifap), foi realizada para a formulação de um plano de combate aos estragos encaminhado à Prefeitura Municipal de Macapá (PMM) e ao governo do estado, para análises. Entre as propostas apresentadas estão atividades de geoprocessamento para auxiliar na contenção das áreas das ilhas e ainda nos modelos de casas mais viáveis para a região. Decorrido mais de ano da conclusão dos estudos, não houve divulgação do relatório e tampouco anúncio de providências por parte do Poder Público.

Conhecedor como poucos dos problemas existentes no Baillique, o juiz de direito Luciano Assis, coordenador da Jornada Itinerante Fluvial, programa do Tribunal de Justiça do Amapá (Tjap) que atende com ações de cidadania as populações ribeirinhas do estado, reclama que as autoridades só se preocupam com medidas paliativas, e pede a realização de “estudos técnicos sérios” para implantação de políticas públicas eficientes que possam resolver definitivamente o problema.

“Eu venho acompanhando há muito tempo o sofrimento dos moradores do Baillique, por causa desse fenômeno que é cada vez mais preocupante, porque o que era igarapé se tornou rio de grande proporção, além do fato de que, na direção inversa, os grandes rios foram todos assoreados. O que está faltando é um estudo conclusivo sobre o fenômeno por-

que permanentemente obriga moradores a mudarem suas casas. A política pública tem que ser revista porque senão vamos perder muito dinheiro; uma escola já caiu e outra está sendo consumida”.

Luciano Assis observa que o fenômeno começa a mudar a geografia da Vila Progresso, uma das principais ilhas do arquipélago: “A situação na Vila Progresso assusta muito; na viagem anterior que fiz à região as passarelas estavam intactas, mas na última vez que estive lá eu constatei que boa parte está caindo; a frente da Vila Progresso está muito afetada, pois esse fenômeno obriga os moradores a removerem suas casas, recuando cada vez mais. A geografia da ilha está mudando drasticamente, escolas estão sendo destruídas, já perdemos posto de saúde, a Escola Bosque está sob ameaça e acredito que ela não suporta até o ano que vem, tanto que o campo de futebol que tinha na frente já não existe mais... A situação é muito preocupante”.

Inércia do Poder Público

Para o juiz a classe política e as autoridades do Executivo não estão de braços cruzados, mas falta uma política séria para resolver de vez o problema: “Os políticos e as autoridades do Executivo vão lá, mas o problema é que sempre são adotadas apenas medidas paliativas, como o envio de madeira para mudar casas, reconstrução das pontes destruídas e construção de novas passarelas; na verdade, estão simplesmente mudando o problema de um lugar para outro, inclusive deixando a população cada vez mais distante da água tratada, e a situação se agrava cada vez mais”.

Na opinião do juiz o que falta para o

arquipélago é a adoção de políticas públicas sérias, eficientes e definitivas: “É preciso que se pense em políticas públicas sérias, eficientes e definitivas. Eu dou como exemplo a construção de um posto avançado do Tribunal de Justiça, cujo local escolhido inicialmente eu discordei porque em cinco anos o prédio estaria consumido pelo fenômeno. Aí eu escolhi outro terreno, cerca de trezentos metros do local; acharam que ficaria longe, mas foi mantido por ser mais seguro. O caminho é a adequação dos órgãos, serviços e bens públicos porque estamos perdendo prédios, muitos dos quais não são repostos”.

Apesar de que se trata de um fenômeno natural, o juiz entende que é necessário para a região um projeto mais ousado para a solução definitiva: “Há muita coisa a ser feita; aquela região é ótima e está em pleno desenvolvimento. Para que se tenha ideia, nós começamos trabalhando na Justiça Itinerante Fluvial dentro de um barco, depois conseguimos uma casa e posteriormente tive que mudar a minha sala de audiência para dentro do prédio da rádio de lá porque a casa que nos foi cedida não teve mais como nos abrigar em decorrência da demanda, que é muito grande. Por outro lado, há escassez de água tratada. A Caesa tem que controlar a água, torneiras quebradas e canos vazando; em toda viagem a gente leva tonéis e tonéis de produtos químicos para tratamento da água; os postes da rede elétrica estão caindo, causando acidentes sérios, como recentemente, ocasionando morte; temos ali o Linhão de Tucuruí, com energia boa, mas que acaba sendo deficitária por causa da destruição da rede elétrica com as constantes quedas de postes”.



Processo de erosão se intensifica em toda a Amazônia por causa do tipo de solo da região

O geógrafo Paulo Almeida, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), afirma que o fenômeno Terras Caídas ocorre em toda a Amazônia e está relacionado à própria erosividade da margem dos rios, ou seja, o tipo de solo que compõe a região é frágil. Ele chegou à essa conclusão ao analisar a erosão que ocorre no município de Tabatinga (AM), mais especificamente no bairro da Comara e na comunidade indígena de Umariacu.

“Pelos relatos que a gente conseguiu coletar dos moradores próximos, isso é acentuado na seca, porque parece que pela enchente do rio o processo seria mais intenso, mas não é. Eles falam que cai mais quando o rio seca, e então vem a questão: quando o rio enche o volume de água comprime suas margens; é uma pressão hidráulica muito forte, além da correnteza. Mas, veja bem, se fosse isso, só cairiam pequenos degraus da terra, mas não é o que ocorre, porque caem blocos enormes”, observou.

O geólogo Carlos Eduardo Senna diz que o fenômeno é um processo fluvial característico dos rios da bacia hidrográfica amazônica, mais especificamente dos rios de águas brancas, ocorrendo com maior frequência nas planícies de inundação, unidades geo-

morfológicas formadas pela sedimentação fluvial, conhecidas popularmente como áreas de várzea, que gera inúmeros prejuízos socioeconômicos aos moradores, afetando a agricultura familiar, diminuindo propriedades, gerando problemas quanto à mobilidade, bem como de risco de morte.

O Pará, conforme ele explica, também sofre muito com o fenômeno, citando como exemplo a localidade de Fátima do Urucurituba, situada à margem direita do rio Amazonas, próxima à sede do município de Santarém, que é composta por uma barra lateral formada por areia fina e lama (silte e argila), com origem no Holoceno (nome dado aos últimos 11 mil anos da História da Terra, que iniciou no fim da última era glacial principal, ou idade do gelo) e correspondendo aos depósitos aluvionares, e que devido às características geológicas e hidrodinâmicas, essa região tem sido fortemente afetada pelo fenômeno das Terras Caídas, influenciando consideravelmente a população ribeirinha que reside na localidade.

Monitoramento

O Instituto de Pesquisas Científicas do Amapá (Iepa) fez um mapeamento de dez das 52 comunidades situadas no Bailique, cujo relatório foi entregue ao

governo do estado para nortear ações necessárias para o arquipélago. O monitoramento foi feito nas comunidades de Igarapé Grande do Curuá, Salmo 121, Limão do Curuá, Foz do Gurijuba, Junco, Itamatatuba, Boa Esperança, Vila Progresso, Vila Macedônia e São Pedro.

O estudo identificou que nove dessas comunidades, com exceção de Igarapé Grande do Curuá, estão com as margens instáveis por causa dos efeitos da erosão, destacando-se a comunidade, onde o processo erosivo já avançou a distância de 9,2 m da margem, mas as demais comunidades também estão sofrendo esses impactos, principalmente Itamatatuba e Boa Esperança.

Reconstrução

A operação do Iepa foi realizada em parceria com o Corpo de Bombeiros, Defesa Civil Estadual e as secretarias de estado do Meio Ambiente (Sema), de Inclusão e Mobilização Social (Sims) e da Educação (Seed), além da Companhia de Água e Esgoto do Amapá (Caesa). De acordo com Carlos Eduardo Madureira, morador do arquipélago, algumas ações foram desenvolvidas com base no relatório desse trabalho, destacando a construção, pela Prefeitura de Macapá, de uma nova Unidade Básica de Saúde (UBS) na comunidade de Vila Progresso, em substituição à antiga que foi destruída pela força das águas.

A nova estrutura da UBS possui 12 salas, entre consultórios, sala de vacinação, de realização de exames preventivos e ambulatórios, com médicos atuando permanentemente, contando também com dois barcos tipo ‘voadeira’, alugados na própria comunidade, para atendimentos de urgência e emergência, responsáveis pela locomoção de pacientes entre as comunidades e a capital, Macapá. Casos mais graves são atendidos pelo helicóptero do GTA, do governo do estado.

“Já era uma unidade que merecia reparos, e diante dos danos estruturais causados pelo fenômeno Terras Caídas optamos por reconstruir a UBS, que agora conta com um padrão superior à antiga, com farmácia, gabinete odontológico, enfermaria. Hoje temos médicos no Bailique, cada um com uma equipe completa do Programa Saúde na Família (PSF), com técnicos e agentes de saúde”, relatou o prefeito de Macapá, Clécio Luís (Rede).



Ajudas humanitárias minimizam sofrimento dos moradores

Embora comandados por partidos diferentes e lideranças de ideologias opostas, governo do estado e Prefeitura de Macapá (PMM) atuam com metodologias parecidas, quase sempre com ações distintas, para minimizar o sofrimento dos moradores do Bailique, cada vez mais afetados com o fenômeno Terras Caídas. Além da reconstrução de órgãos públicos, apoio logístico na mudança das casas e substituição da rede elétrica, de vez em quando são realizadas ações humanitárias no arquipélago, quase sempre com recursos do governo federal.

A última ação humanitária uniu GEA e PMM, através da Defesa Civil

Estadual, Ieap, Secretaria de Estado de Inclusão e Mobilização Social (Sims) e órgãos da prefeitura, com distribuição de 275 cestas básicas, 400 colchões e 105 kits bebês, beneficiando os moradores das comunidades de Itamatatuba, São Pedro do Curuá, Vila Progresso, Macedônia, Ponta da Esperança e Franco Grande, que são as mais atingidas pela erosão causada pelo fenômeno.

O comandante da Guarda Civil Municipal de Macapá, Ubiranildo Macedo, explica que as doações são feitas de acordo com a gravidade da situação de cada comunidade, com base em levantamento social elaborado previamente pelas assistentes



sociais do município. “Garantimos assistência a essas famílias afetadas direta e indiretamente por esse fenômeno natural. Também estamos buscando permanentemente dados atualizados da situação para que sejam incluídos no relatório com o objetivo de buscarmos mais recursos, se for necessário”.

Bairro do Aturiá, em Macapá, também sofre com os efeitos da erosão

Situado à margem esquerda do rio Amazonas, na zona sul de Macapá, o bairro Aturiá sente a cada ano os efeitos do fenômeno Terras Caídas, por causa da sua localização, o que exige, principalmente na época das chuvas, intervenções constantes das defesas civis do estado e do município. A primeira ocorrência foi registrada em 2008, quando a construção de um trapiche para o programa ‘Macapá Verão’, feita em parceria do governo do estado com a prefeitura, ruiu devido à força da maré. Desde então o rio vem adentrando gradativamente o bairro e derrubando várias edificações.

De lá para cá a Defesa Civil realiza mapeamentos naquela área de risco, que inclui cadastramentos das pessoas que se encontram ou que viriam a se encontrar em situação de risco, com a emissão de pareceres técnicos individualizados a cada situação, no sentido de subsidiar as famílias vitimadas. Vários proprietários que perderam suas casas foram indenizados e outros que optaram por receber uma casa em local apropriado se encontravam até bem pouco tempo em imóveis alugados pagos pelo poder público.



“Mas, quem poderá controlar as formidáveis e dispersas energias do Amazonas? O volume colossal das águas, o arremesso violento da corrente, a inconsistência do solo invalidam qualquer diligência de refreá-lo em benefício social, e ele continua selvagem, primitivo, entregue aos devaneios de sua geografia, aos caprichos de sua hidrografia. A obra seria uma luta entre gigantes e pigmeus, e é possível que o rio acabasse por vencer”.
(Leandro Tocantins em *O Rio Comanda a Vida*)

VERSO & REVERSO

→ E-mail: douglasjaty@hotmail.com

Douglas Lima



Haroldo Pereira é um empresário dos mais tradicionais do Amapá. Opera em terraplanagem e construção civil com grande aceitação nas áreas pública e privada. Na foto com a esposa Dione, HP transita nos segmentos sociais com simplicidade, elegância e educação. Já brilhou no futebol como jogador do Juventus, Macapá, Santana e São José. Procedente de Gurupá (PA), Haroldo chegou em Macapá em 1947, aos 4 anos de idade, acompanhando os pais Otaciano Bento Pereira e dona Irene, e os irmãos Heleni, Inerine e Adilson, Aqui, nasceram mais 11. Hoje, os irmãos pereiras se resumem há nove.

Vergonha

Política, etimologicamente, é a arte ou ciência de bem governar o povo. Neste país, parlamentar condenado, recolhido na cadeia, continua tendo o cargo e status de deputado. O pior: além da população pagar esses elementos como presidiários, ainda tiramos do bolso recursos para os remunerar como parlamentares.

Que situação, hem?

“

De que serve ao homem conquistar o mundo inteiro se perder a alma?

Jesus Cristo.

”

Palavra de Deus

A Sociedade Bíblica do Brasil está com campanha inédita sobre a Bíblia de Estudo Plenitude. Quem adquire a edição impressa ganha a versão digital da obra. Para ter acesso ao exemplar da promoção, o usuário deve baixar o app gratuito Bíblia Plus em seu smartphone ou tablet e criar uma conta. Depois, basta acessar o site promo.biblia.plus e utilizar o código de ativação que consta da embalagem impressa.

Os idosos do Brasil estão insatisfeitos com o tratamento que recebem do governo federal. Essa insatisfação não é de agora, vem do governo Lula, passando por Dilma, que tiraram dinheiro da Previdência para as bolsas de todos os tipos.

RÁPIDAS

● UM

A crença do brasileiro nas autoridades, em particular, acabou. Estamos sem esperança numa reviravolta. O país não pode avançar. As autoridades principais tiveram as máscaras retiradas pelos MPs, PF e segmentos da Justiça.

● Dois

Todas estão podres; túmulos caídos. Como o Presidente da República, senadores, deputados e grandes empresários podem fazer o Brasil andar, se estão preocupados em salvar a própria pele? Não há tempo para pensar na salvação do bem geral, muito menos agir. Aliás, agir só em defesa deles mesmos.

● Três

Mas se morreu a crença ou esperança no homem brasileiro, firme está a fé em Deus. Somos o espaço geográfico com a maior população católica do mundo, e o segundo em seguidores de Cristo. Isso mostra que se as autoridades brasileiras nos decepcionam, Deus está sempre ao nosso lado, pairando sobre tudo.



Linfomas afetam o sistema de defesa do organismo



Linfoma é um câncer hematológico que se desenvolve a partir de células do sistema imunológico localizadas nos linfonodos (gânglios). São divididos em Linfoma de Hodgkin (LH) e Linfoma não-Hodgkin (LNH). Cerca de 90% são do tipo não-Hodgkin, enquanto que em torno de 10% são Linfoma de Hodgkin. Em 2016, nos Estados Unidos, houveram mais de 72.000 casos novos de LNH e mais de 9000 novos casos de LH em um total de cerca de 81.000 casos/ano. Somando os dois tipos, a estimativa do Instituto Nacional de Câncer (INCA) foi de 12.710 novos casos da doença para o ano de 2016, no Brasil. E a sexta principal causa de câncer no Brasil. A diferenciação entre ambos está nas características histopatológicas das células neoplásicas, a qual só é possível através da biópsia do linfonodo ou do tecido envolvido. Os LH se distinguem dos LNH pela presença de células de Reed-Sternberg. Já os LNH representam um grupo heterogêneo de doenças que se distinguem entre si pelas características das células neoplásicas associadas ao tipo de doença. A maioria dos LNH são do tipo celular B (cerca de 85%) enquanto que os demais são do tipo celular T ou NK (Natural killer).

Normalmente, os linfomas acometem exclusivamente, os linfonodos, que são órgãos do sistema de defesa do organismo, mas podem atingir também outros órgãos, especialmente quando em estágios avançados.

Sinais e Sintomas

Em geral os sintomas são pouco específicos, o que pode dificultar o diagnóstico inicial. Deve-se ficar alerta para:

- Aparecimento de gânglios linfáticos aumentados de tamanho (nódulos > 2cm), indolores, de consistência fibro-elástica e localizados em regiões de cadeias linfáticas como pescoço, axilas ou inguinal (virilha);
- Sudorese noturna (Suores intensos durante a noite que molha a colcha de cama);
- Febre sem explicação preferencialmente vespertina (a tarde);
- Cansaço extremo;
- Dores no corpo;
- Perda de peso inexplicável e acentuada (> 10% do peso habitual nos últimos 6 meses);
- Processos infecciosos diversos pelo comprometimento da imunidade;
- Prurido (coceira) pelo corpo sem causas determinadas;

É importante ressaltar que em alguns casos não existem quaisquer sintomas e o linfoma é descoberto de forma acidental durante um exame médico de rotina.

Diagnóstico

O diagnóstico deve ser realizado por um especialista, através de anamnese, exame físico, exames de sangue, exames de imagem como Tomografias, Ressonância Magnética e PET-CT e, obrigatoriamente, a biópsia com imunohistoquímica.

A biópsia consiste na retirada de material celular do linfonodo ou de outro tecido acometido para definir o tipo de células contidas nesta amostra e assim determinar o tipo de linfoma. A imunohistoquímica e uma técnica complementar que visa reconhecer antígenos e assim identificar e classificar células específicas dentro de uma população celular heterogênea esclarecendo o subtipo celular e orientando o tratamento da doença.

Tipos de Biópsias:

Excisional - Neste procedimento, o cirurgião faz uma incisão na pele e remove todo o linfonodo. Se o linfonodo está localizado perto da superfície da pele, o procedimento é simples, e pode ser realizado sob anestesia local, mas se estiver em planos mais profun-

dos poderá ser necessária anestesia geral. Esse método fornece material suficiente para diagnosticar a doença.

Aspiração por Agulha Fina (PAAF) e Core Biopsy – Neste procedimento é utilizada uma agulha fina e uma seringa para aspirar uma pequena quantidade de tecido a partir do linfonodo ou tumor. Na core biopsy utiliza-se uma agulha de calibre maior para remover uma amostra um pouco maior de tecido. Se o tumor estiver localizado em planos profundos, o médico guiará e orientará a posição da agulha com o auxílio da tomografia computadorizada ou ultrassonografia. Vale ressaltar que a PAAF nunca irá substituir a biópsia de linfonodo no diagnóstico e classificação dos linfomas.

Exames das Amostras

Todas as amostras removidas de biópsia são analisadas por um patologista, médico especializado na avaliação de células, tecidos e órgãos.

Tratamentos

Entre as principais opções de tratamento estão os quimioterápicos convencionais, imunoterápicos (inibidores específicos (checkpoints), terapia celular alvo, anticorpos monoclonais e vacinas terapêuticas), radioterapia e transplante de medula óssea.

A maioria dos pacientes com LNH são tratados com anticorpos monoclonais (ex. Rituximab) em associação a quimioterápicos. A radioterapia é menos utilizada e fica reservada especialmente, para casos de doença localizada. Os LH são usualmente tratados com quimioterapia, radioterapia ou a combinação das duas, conforme o estágio da doença e o tipo celular. Se o tratamento inicial não for efetivo, o transplante de medula óssea, quando indicado, pode ser uma opção.

Podemos dar um destaque especial aos anticorpos monoclonais que são moléculas criadas em laboratório, que atacam especificamente uma célula alvo e recruta células do sistema imune contra as mesmas. Foi o primeiro tipo de imunoterapia que obteve sucesso contra os linfomas cujo protótipo é o rituximab (anticorpo monoclonal anti CD20) para linfomas de célula B e sem dúvida mudou a história natural dessas doenças. O surgimento dessas novas drogas melhoraram o prognóstico do paciente com linfoma.

Na última década o avanço no tratamento dos Linfomas foi expressivo através do surgimento de novas drogas cada vez mais dirigidas ao alvo (células tumorais) proporcionando um tratamento mais efetivo e com menos efeitos colaterais.

É importante lembrar que a resposta à terapia varia de acordo com diversos fatores como o tipo de linfoma diagnosticado e seu estágio. E o tratamento de escolha deve sempre levar em consideração, também, características individuais do paciente, como presença de co-morbidades

Saiba mais sobre os linfomas:

O linfoma é um tumor maligno que resulta do crescimento anormal de células do sistema linfático e é considerado umas das 10 principais causas de morte na Europa. Em algumas regiões do mundo como no norte da África, o LNH é a quarta principal causa de câncer.

Os sintomas do linfoma são pouco específicos, porque são comuns a um grande número de doenças, o que pode dificultar o diagnóstico inicial.

Em casos agressivos, os linfomas não-Hodgkin têm crescimento bastante acelerado, podendo dobrar de tamanho em semanas. No entanto, as chances de cura variam de 60% a 70% quando adequadamente tratados. Quando a doença é descoberta ainda no início, as chances são ainda maiores. A incidência aumenta com a idade. Na segunda década de vida, a taxa é de quatro casos a cada 100 mil pessoas, enquanto que na faixa dos 60 anos, a incidência aumenta dez vezes, passando de 40 a cada 100 mil pessoas.

As chances de cura são ainda maiores nos linfomas de Hodgkin, com índices de remissão que podem alcançar quase 90%.

As causas ainda são desconhecidas em ambos os casos, mas alguns estudos apontam a relação de subtipos específicos com algumas infecções virais pelos vírus Epstein-Barr, HIV e HTLV, e também, bacteriana pela *Helicobacter Pylori* (estômago)

Indivíduos infectados com HIV tem maior probabilidade de desenvolver a doença. E este linfoma associado ao HIV aparece principalmente em jovens com idades próximas aos 20 anos.

O diagnóstico precoce e o acesso a terapêutica adequada são fatores fundamentais para o sucesso do tratamento.

Por se tratar de uma doença com apresentação clínica heterogênea e muitas vezes de difícil diagnóstico, é de fundamental importância que em caso de suspeita, procure-se o auxílio do médico especialista.





UM OLHAR DE LONDRES

Se tivesse que começar a conhecer a Europa, começaria por Londres, novamente. Encantei-me pela arquitetura londrina quando aterrissei na terra da rainha. Confesso que a emoção foi tanta que, assim que saí do metrô e observei o cenário do bairro onde passaria minhas próximas quatro semanas, tive a sensação de que estava entrando num filme de época. Foi amor à primeira vista!!!

Reconheço que o medo de ser deportada na imigração é pavoroso, porém, estar devidamente documentada é a chave de entrada na Inglaterra. Aliás, toda vez que ultrapassei os limites britânicos e retornei tive que repetir o pit stop inicial, ou seja, apresentar novamente a documentação de permanência naquele país.

Decidi fazer essa viagem de férias participando de um intercâmbio. Como não domino o inglês, foi bem mais fácil conseguir novas amizades com brasileiros me matriculando numa escola de idioma. Pode parecer uma prática só de adolescentes, mas já é tendência mundial conhecer outros países dessa maneira, independentemente da idade.

Em Londres é possível obter informações de todos os lados e de várias formas, especialmente nos mapas que detalham minimamente os pontos turísticos. Além dessa opção, existe um aplicativo, o Citymapper, que é uma verdadeira bússola. As alternativas de museus, mercados, igrejas e pubs parecem não se esgotar naquele lugar e, mesmo tendo visitado muitos ambientes, quando retornei tive sensação de não ter atingido 50% daquelas oportunidades.

Como na Primavera a Europa tem o dia mais longo que a noite, aproveitei para visitar o máximo de lugares possíveis. Vou dar destaque àqueles testados e aprovados por mim: Notting Hill, Tower of London, Tate Modern, National Gallery, St Paul's Cathedral, Palácio de Buckingham, Hyde Park e o exótico bairro de Camden Town. No entanto, vou recomendar mais duas paradas obrigatórias, a primeira é Greenwich, onde pude colocar os pés em cada hemisfério, dessa vez, oriental e ocidental. A segunda, é a famosa roda gigante Lon-

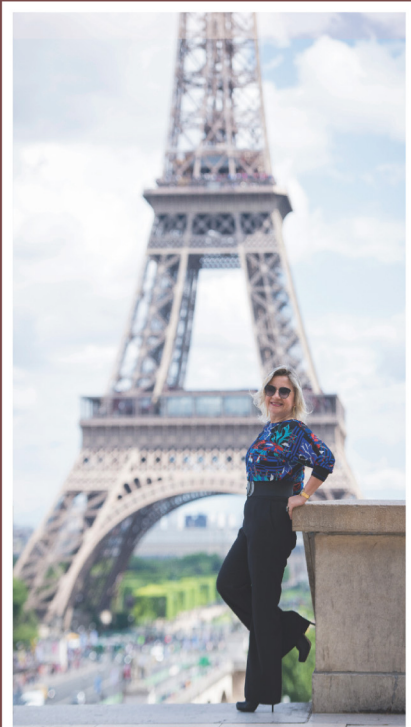
don Eye, um lugar fantástico no qual pude admirar o universo londrino de maneira singular.

Outra dica interessante é consultar o site de apresentações culturais antes da partida (www.londresparapricipiantes.com). Fiz isso e comprei com antecedência os ingressos para assistir a dois musicais bastante concorridos, O Rei Leão e Mama Mia, assim tive o privilégio de estar próximo do palco, por um valor mais em conta.

Reservei os fins de semana para conhecer outras cidades londrinas como Baths, Oxford e o monumento de Stonehenge. Não resisti à proximidade e fui conhecer também Paris (França) e Brugge, uma charmosa cidade da Bélgica. Acredito que foi bem mais tranquilo do que aqueles passeios que obedecem um ritual de chegadas e partidas, sem fôlego para descansar.

Em Paris fiz uma programação alternativa... É sempre bom explorar a cidade sem compromisso com o horário. Assim como em Londres, guardei um momento especial para fazer uma sessão de fotos com um fotógrafo profissional. A dica para reservar um horário apropriado é fazer contato com pelo menos duas semanas de antecedência (Londres - @fernandobaphatography/ Paris - @tonbueno.fotografoem-paris).

Foram quatro semanas de férias, as quais vivi intensamente. A satisfação de conhecer culturas diferentes é imensurável, e o que é melhor, voltei dessa viagem mais rica de conhecimento e com novas amizades. Agora que comecei minha coleção de carimbos no passaporte, já estou programando a próxima "aventura". Uma coisa é certa...o horizonte é o limite!





Crise ronda futebol brasileiro



“

O modelo antigo do mata mata agrada muita gente.



É preciso ser muito otimista para não crer em crise que possa envolver o futebol brasileiro, a curto prazo. A começar pelo Brasileirão em pontos corridos, sistema que não é unânime para quem milita neste esporte. O modelo antigo do mata mata agrada muita gente, porque segundo opiniões o campeonato tem emoção até às últimas rodadas, diferente dos pontos corridos, cuja dinâmica, acaba levando desinteresse aos clubes que estão muito abaixo da classificação. É o que está acontecendo neste de

2017, ainda indefinido, com o Corinthians largado sozinho na frente. O mesmo destaque aconteceu nos três últimos anos, com Atlético Mineiro, Cruzeiro, Palmeiras e, agora, com visível repetição, com o Timão. A falha maior vista pelos contrários é que na maioria das vezes o clube escala times mistos, porque está visando outra disputa. Um exemplo ruim sobre o modelo: Botafogo e Flamengo, no Engenhão, domingo, à tarde, pela 23ª rodada, rendeu apenas R\$ 288 mil. É levar à loucura as finanças dos clubes.



Sorriso gengival pode ser tratado com a Toxina Botulínica

Bob Marley teve muita sabedoria e sensibilidade ao afirmar que a curva mais linda de uma mulher é o sorriso.

O sorriso é uma das expressões faciais mais importantes do rosto. É essencial na hora de demonstrar sentimentos. Apesar de não haver um padrão de beleza absoluto, o excesso de gengiva pode comprometer a harmonia do sorriso.



A harmonia do sorriso é fundamentalmente influenciada por 3 fatores: dentes, gengiva e lábios. Um sorriso atraente depende de uma adequada proporção desses. Ao sorrir, o lábio superior deve mostrar até 3 mm de gengiva, e a linha gengival deve seguir o contorno do lábio. A exposição de mais de 3 mm de gengiva caracteriza o chamado sorriso gengival. Durante o ato de sorrir, parte da gengiva pode ou não ficar exposta, mas quando existe o excesso de gengiva a mostra (sorriso gengival), o sorriso fica esteticamente comprometido, mas isso não resulta em riscos à saúde bucal. Mas, normalmente os pacientes com sorriso gengival, apresentam grande desconforto, insegurança, vergonha ao sorrir e dificuldade no convívio social.

Para mulheres, em um sorriso natural, é aceitável e até bonito ter uma exposição gengival de 1 a 2 mm. Já para os homens, essa exposição gengival pode ser menor ou até não existir.

Sua etiologia pode estar correlacionada a fatores musculares, esqueléticos, gengivodentais ou uma combinação entre eles. Um sorriso gengival pode ser causado por um lábio superior curto, coroa dos dentes curta, excesso maxilar vertical, hipertrofia gengival ou hiperatividade dos músculos elevadores do lábio superior. O correto tratamento depende da correta identificação do fator causal.

Todas as técnicas que visam aumentar a aparição dos dentes e diminuir a da gengiva, feitas no consultório do dentista e utilizam anestesia local adaptada para cada caso.

Pode ser efetuadas correções nos dentes, conjuntamente com a correção da gengiva, como modificação do tamanho ou inclinação dos mesmos.

Para estabelecer um tratamento adequado, o dentista deve diagnosticar o sorriso gengival e sua causa, observando a posição do lábio durante o repouso e o sorriso natural.

As causas de um sorriso gengival são várias e podem

ou não estarem associadas:

- Excesso de gengiva = decorrente de inflamações ou crescimento descontrolado do tecido gengival.

- Dentes curtos = decorrente do desgaste dental, o que dá a impressão de aparecer mais gengiva no sorriso.

- Erupção passiva pela falta de contato com os dentes antagonistas = o que resulta em um excesso de erupção dos incisivos e a gengiva pode acompanhar, resultando no sorriso gengival.

- Crescimento vertical excessivo da face = quando a maxila cresce mais no sentido vertical.

- Maior atividade dos músculos elevadores do lábio superior. Uma maior elevação do lábio superior mostra mais gengiva.

O tratamento adequado depende da correta identificação da causa.

O sorriso gengival pode ser corrigido através dos seguintes procedimentos:

- . Gengivectomia e gengivoplastia: cirurgia em que o excesso de gengiva é removido visando restabelecer o contorno harmônico da margem gengival.

- . Cirurgia ortognática: é uma solução definitiva em que a altura da maxila é diminuída. É realizada em ambiente hospitalar após o adequado preparo ortodôntico.

- . Aplicação de toxina botulínica (Botox): Com uma pequena aplicação de cada lado da face, o músculo responsável por tracionar o lábio superior para cima e, consequentemente expor a gengiva em demasia, recebe um bloqueio químico e tem sua atividade diminuída.

Tratamentos através ortodontia e cirurgia ortognática são procedimentos complexos, de alto custo e que demandam tempo considerável e por isso, têm sido menos frequentemente recomendados para tratamento do sorriso gengival. A aplicação da toxina botulínica representa um método simples, de baixo risco, efeito reversível, e é bastante efetivo para a correção do sorriso gengival. Consulte seu dentista para verificar se o seu sorriso gengival está indicado o tratamento com a Toxina Botulínica (Botox).

ZIULANA MELO

→ E-mail: ziulanamelo@yahoo.com.br → Facebook: Ziulana Melo → twitter: @ziulanamelo → Instagram: Ziulana

“

O segredo é não correr atrás das borboletas. É cuidar do jardim para que elas venham até você.

(Mário Quintana)

”



Folias Religiosas

Um trabalho sobre as folias religiosas do Amapá foi reconhecido pelo Iphan no 30º Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade. Cerimônia de premiação será em outubro, no RJ.

O Inventário mapeou festejos, folias, procissões e outras manifestações culturais católicas do estado, em 9 comunidades de Macapá, Santana, Mazagão, Calçoene e Oiapoque.

Projeto é pra fortalecer essas manifestações como prática tradicional da cultura popular.

“Desejo de Estrangeiro”

Galeria Antônio Munhoz, do Sesc Araxá, vai receber a mostra “Desejo de Estrangeiro”, da fotógrafa e artista visual paraense Cinthya Marques. Exposição estará em cartaz até 18 de outubro.

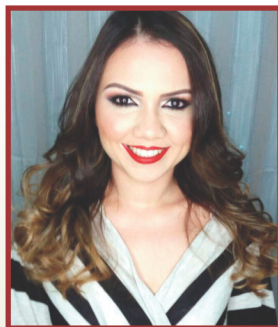
A artista discute temas como a solidão e o sentimento de pertencimento, por meio de diferentes técnicas fotográficas, com predominância do preto e branco, e do colorido monocromático.



Jornalista Luiz Melo, a empresária Raquel Martins (Espaço Casa) e a arquiteta e colunista da Revista Diário, Gabi Cunha, no lançamento da Casa de Idéias 2017 - Mostra de decoração da Espaço Casa.



CLIC



Boa Forma

● Belíssima e pra lá de competente, Carol Duarte comanda como ninguém o seu Stúdio C4 Treinamento Funcional. É o point pra quem quer eliminar peso e ter mais qualidade de vida, aliada à prática de exercícios.



Exathlon

● A jogadora de futebol Aline Calandrini, amapaense, é uma das atletas que participam do reality show chamado 'Exathlon Brasil', na Band. O 'Exathlon' é uma competição de resistência, com prêmio de R\$ 350 mil. Foi gravado em uma praia na República Dominicana.



Batismo

● Toda a felicidade dos irmãos Laércio e Lizziane Azevedo (Divina Arte) com o convite da mana Lidiane, para serem padrinhos de batismo do pequeno Heitor, o mais novo herdeiro da família. O príncipe é filho do casal Lidiane e Brenno Diniz.



VAIDADE

Sem frescura, nem mimimi: todo homem encara o espelho pela manhã e quer gostar do que vê. Cuidar do visual e da imagem que passa para as pessoas à sua volta, seja no ambiente de trabalho ou em momentos de lazer, é uma obrigação do homem. E o cabelo é o que mais chama a atenção – e o que deve ser prioridade quando o assunto é vaidade masculina.



É CONTAGIOSO

Você sempre se sentiu incentivado a fazer exercícios físicos e adotar uma “vida fitness” ao ver seus amigos postando fotinhos na academia ou mesmo correndo na rua? Pois bem, isso tem uma explicação: estudo recente concluiu que, assim como a gripe, correr é contagioso. Mas, calma! Resultados mostraram que ter amigos que correm é essencial para que você comece a correr, continue correndo e corra ainda mais.

Foto: Fabiano Menezes



Foi uma festa digna de princesa! Maria Clara comemorou seus 10 anos de idade em baile inspirado em Paris.

● **Open Bar.** O fenômeno do momento, uma das drag queens brasileiras mais conhecidas no mundo, Pablo Vittar estará em Macapá em outubro, pela segunda vez.

Dona dos hits “K.O.”, “Todo Dia” e “Open Bar”, a maranhense é a principal atração de uma festa no dia 4 de outubro, no Armazém Beer.

Custo extra. Antes os passageiros de avião em voos internacionais tinham de pagar para sentar em poltronas com mais espaço, mesmo na classe econômica.

Há algum tempo, a cobrança também vem acontecendo para marcar assento comum. Os valores variam em cada companhia aérea e podem passar de R\$ 100. E não é necessário querer algum conforto a mais.

O simples fato de escolher com antecedência o seu lugar no avião, mesmo que seja na poltrona do meio, já pode ter um custo extra.

Arte. O hall de entrada da Biblioteca Pública Elcy Lacerda, no Centro de Macapá, foi transformado em uma galeria aberta ao público e passará a receber, mensalmente, exposições de artistas plásticos locais como forma de valorizar e dar espaço para os talentos amapaenses.

Essa é a proposta do projeto “Arte Roda Viva” que foi inaugurado recentemente com várias exposições de artistas locais.

Alerta. A Anatel aprovou a ampliação do serviço de alertas de desastres naturais para todo o Brasil. Com a medida, as pessoas receberão uma mensagem de texto no celular avisando se a região em que vivem tem algum risco iminente de perigo. O usuário vai poder decidir se quer receber este tipo de alerta ou não.



Raquel Ramos de Oliveira

Macapaense, 15 anos, é filha de Sérgio Cardoso de Oliveira Júnior e Joanis Oliveira. Estuda no Colégio Moderno, e pretende cursar Odontologia.

Inteligente, questionadora e amiga, é uma linda menina/mulher de olhar brilhante, apaixonante, uma mistura de doçura e ternura com um toque de seriedade e mistério. Boa leonina, Raquel entrelaça uma personalidade forte, dominadora e decidida.

A garota do Ensaio Fotográfico adora viajar, tem imensa vontade de viver, de cantarolar à vida e celebrar a amizade com os amigos.

Quando está feliz, canta, dança, rebola, dá altas gargalhadas; quando triste, fica no seu cantinho fazendo o que mais gosta, assistir a séries cinematográficas

Para Raquel o importante é realizar os seus projetos de vida, ser feliz e estar ao lado das pessoas que ama.



Fotográfico

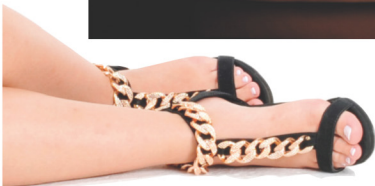


Still Fotos

Endereço: Rua Maximiano dos Santos Moura
Nº 3378 - Pacoval

FABIANO MENEZES

Fabiano está na estrada há 20 anos como especialista na arte fotográfica, pelo Stúdio Brasil Publicitário. É também propagandista. Site: www.fabianomenezes.com.br.





Você conhece MD Codes?



Observação



O procedimento é um pouco desconfortável, mas não precisa da sedação do paciente. Pode ser feito com anestésico tópico.

É uma técnica de aplicação de ácido hialurônico em vários pontos da face, com o objetivo de fazer um lifting imediato e natural com uma aplicação ao ano. A técnica foi desenvolvida pelo Dr. Maurício Melo. Consiste em mapear a face e injetar o produto em oito pontos estratégicos de cada lado do rosto, sendo pouco invasivo, promovendo, assim, um lifting imediato.

A aplicação é feita em pontos estratégicos da face, como testa, olhos, queixo, lateral do

rosto, lábios e sulcos nasogênicos.

O procedimento é um pouco desconfortável, mas não precisa da sedação do paciente. Pode ser feito com anestésico tópico. Após a aplicação, você observa um edema e alguns pontos de equimoses que desaparecem em três dias.

Recomendo esse tratamento, pois você terá uma pele mais rejuvenescida, com efeito imediato e resultados surpreendentes.



Dra. Edcleuza Jorge
Médica

Mesoclim - Avenida Procópio Rola, 2431 - Santa Rita. Fone: 3223-4248



“ A população em geral reclama que atualmente vive permanentemente com a sensação de insegurança, sem que o estado invista em inteligência e informação, sem a formatação de políticas públicas para conter essa violência. É degradante! Estamos vivendo uma total insegurança. ”

Wagner Gomes,
advogado

“ Eu tenho visto decisões do ponto de vista doutrinário e jurídico que às vezes se confirmam que ‘pau que dá em Chico não dá no Francisco’, e isso me irrita; tem gente que demora pra julgar, enquanto outros são julgados rápido, isso eu não acho certo; tem algumas ocasiões que é falta de competência para apurar tal coisa; está na cara que isso é errado, e eu não concordo; não se pode pegar porco, sujo, ladrão e colocar de imediato na cadeia. ”

Adilson Garcia,
promotor de justiça



Helder Carneiro, advogado

“ O secretário de segurança, Ericláudio, tem dito que vai resolver o problema fazendo concurso público e construindo presídio. Quero saber o que está sendo feito, o que fazer agora. Quero saber de políticas públicas para agora. A sociedade reclama a formatação de um plano estratégico para resolver o problema agora, do que está acontecendo diariamente”. ”

”



“ “A área de segurança precisa fazer indicadores de qualidade; temos que pensar pra frente, porque temos problemas; tem que ser feito planejamento, tem que investir em inteligência e informação. Desde 2012 o investimento nesses setores foi zero, e em 2015 foi menos de 100 mil reais, enquanto Roraima, por exemplo, está investindo R\$ 1 milhão. ”

Adrimauro Gemaque, estatístico



“ O povo tem saudade do Lula. A gente tem que ter maturidade para reconhecer que cometeu erros, mas é importante demonstrar que o governo Temer está na contramão do PT; sinceramente, nós estamos muito animados, se a Justiça não cometer uma injustiça o Lula será Presidente. ”

Gilberto Carvalho,
petista militante



“ Temos que fazer com que os jovens despertem para o civismo; temos que retomar a Educação Moral e Cívica e a matéria OSPB (Organização Social e Política do Brasil), que existiam; isso tem que voltar realmente, é como a religião, muita gente é contra, mas é um princípio de família, que tem que ser revivido, reforçado, porque a droga, a violência, se deve à falta disso. ”

Promotor Moisés,
Semed



A cara do Brasil

Durante os últimos anos esta coluna esteve presente em quase todas as edições da **Revista Diário** e sempre usei minhas mal traçadas linhas para tratar de assuntos variados, buscando por muitas vezes escapar da pauta monocromática das Ciências Jurídicas, minha paixão e ganha pão desde tempos idos. Neste espaço já falamos de futebol, economia, História e, confesso... Direito.

Neste exato momento estou no limite do meu prazo editorial, nosso país está mergulhado em uma interminável crise política, todos os principais aliados do presidente Temer estão denunciados no Supremo Tribunal Federal e os principais nomes da oposição de esquerda estão presos, condenados ou denunciados.

Pelo mundo três furacões devastaram a América Central e o sul dos Estados Unidos; a Coreia do Norte ameaça a paz mundial com uma insolente guerra fria, onde uma vez mais o conflito é improvável e a paz é impossível.

Tenho inúmeras pautas atraentes, mas me confesso incapaz de falar de outra coisa além de minha saudade de duas pessoas muito especiais em minha vida: meus avós.

Não sou filho de uma dinastia, não nasci em berço de ouro e tampouco sou herdeiro de um aristocrático clã, sou apenas mais um paulista de sangue espanhol, criado para vislumbrar como uma bênção o trabalho, tendo sempre diante dos olhos a conta que devei prestar dos talentos omitidos e da vã complacência nos sucessos.

Entre os meus sou mais um, mas nasci agraciado pelo exemplo de duas figuras especiais, que não estampam nomes de logradouros e muito menos povoam os livros de História.

Meu avô era agricultor em um pequeno vilarejo, minha vó costureira desde a infância. Conheceram-se, casaram-se e tiveram suas vidas atravessadas por uma guerra. Sem compreender os porquês de um governo cujo regime desconhecia, meu “viejo” foi convocado para lutar sem treinamento numa guerra que não era sua, serviu ao Exército por longos dois anos, mas não o fez ensaiando o marchar ou com horários para sentinela de quartel, passou todo período sob o fogo cruzado e em muitos momentos coberto de neve e tiritando de frio...sobreviveu.

Minha avó ficou sozinha para proteger o que sobrara da casa onde moravam; depois de alguns bombardeios acabou refugiada com toda família em uma pequena capela, onde viveu por quase dois anos ao lado de outros esfomeados...sobreviveu.

Com o fim da guerra conviveram com uma Pátria dividida, devastada e sangrada, tomaram suas inchadas e cultivaram o que podiam, pelo tempo que puderam. Traumatizados e com o sonho de fazer a América, mudaram-se para o interior de São Paulo, mais precisamente para cidade de Marília.

Quando chegaram ao Brasil não falavam uma só palavra em português, não tinham posses além de provisões imediatas, não ostentavam promessas de emprego ou qualquer coisa além de um sonho e a foto da imagem de uma santinha, a mesma padroeira da capela, que guardou minha vó pelos anos da guerra civil.

Em décadas de Brasil não aprenderam a falar português, não frequentaram os bancos de nenhuma escola e o pouco que aprenderam com seus pais lhe serviu por toda vida. Foram costureiros, enfermeiros e comerciantes, sempre trabalharam juntos e, em um tempo sem feminismo ou feministas, minha vó trabalhou de forma honrada e sem estereótipos.

Nunca escutei da boca de nenhum deles que integravam uma minoria, nunca pediram nada a nenhum governo, nunca solicitaram cotas ou sentiram-se vítimas de nada. Lutaram e amaram o Brasil mais do que qualquer brasileiro que conheci.

Falavam da Espanha sempre com lágrimas nos olhos, certos de que quando deixaram sua terra viraram a face para que tudo que conheciam e amavam. Jamais manifestaram arrependimento, sempre chamaram essa terra de Vera Cruz de “o melhor país do mundo”, afirmavam que os brasileiros eram naturalmente felizes, visto que desconheciam a desgraça da guerra.



No dia que faleceu minha vó eu estava trabalhando em Macapá, e mantive meu telefone regimente desligado por todo período. Quando recebi a notícia horas depois da perda corri pela avenida FAB com um desespero que não consigo descrever. Recordo que meus olhos eram tão fartos de lágrimas que deixaram a vista turva, eu mal conseguia dirigir. No aeroporto só encontrei passagem para o dia seguinte e, por desgraça de minha alma, não me fiz presente na despedida.

Meus avós me ensinaram a falar espanhol, a olhar nos olhos para conversar, ensinaram-me a buscar caminhos diferentes e a estar aberto a conhecer novos lugares. Diziam eles que a melhor cidade seria aquela que me oferecesse emprego!

Ensinaram-me com seus exemplos a não dever nada a nenhum homem ou governo, a evitar tanto quanto possível uma guerra ou enfrentá-la com honra, se necessário.

Quando escuto alguém bradando sobre minorias recordo-me da única que conheci: dois contra o mundo, sobrevivendo de fé e valores cristãos.

Chegando em São Paulo, já após findas as cerimônias fúnebres, fui procurado por pessoas que nunca vi antes, cada uma me trouxe um relato sobre minha vó. “Ela me ajudou quando senti fome”, disse-me uma idosa; “ela me ensinou a costurar e hoje isso é meu trabalho”, relatou-me uma moça. No vilarejo ancestral onde ela nasceu os relatos seguiram a mesma toada, fui abraçado por idosos marcados pela mesma guerra, cada um com seu relato de partilha de pão com minha “abuela”.

Três meses depois da partida de minha vó chegou o dia de meu avô. Morreu de tristeza pela falta da companheira de toda vida, deixou-me vazio por dentro e devastado na alma. Era um homem de humor incontestável em família, não me lembro de seu rosto sem um sorriso ou de uma conversa que não terminasse em piada...mas fora do meio familiar usava um tom mais forte e vestia um estilo austero.

Dizia meu vó que “ser homem é ter caráter e honra”, guardava para si os temores que quicá tivesse, aos meus olhos era invencível e inquebrantável, um herói!

Nunca dependeram de ninguém, ajudaram quem puderam e são lembrados por todos quantos conheceram a glória de suas vidas humildes e honradas.

Eu sei amigo, leitor, poderia ter escrito sobre o mundo, ou as leis, mas nenhum tema é maior que Mariano e Isabel!

Acho mesmo que a solução para economia, política ou ciências jurídicas não de caber nas lições dos meus saudosos avós. Também creio que nenhum ditador venezuelano ou norte coreano guarda em seu arsenal força maior que a coragem dos meus velhos.

Poderia ter escrito sobre qualquer coisa, mas a saudade que arranha minha alma contamina um texto, interrompe uma ideia, faz fugir para o passado um coração partido de saudade. No fundo, amigo leitor, este texto não é para você, é um mero desabafo para duas pessoas para quem jamais poderei dizer obrigado.



Do sonho do eldorado à frustração

Pressão de políticos e ambientalistas deixa riquezas minerais do Amapá e Pará intocadas no subsolo

A extinção da Reserva Mineral do Cobre e Associadas (Renca), uma área com mais de 4 mil hectares entre os estados do Amapá e Pará, não saiu do papel. Ambientalistas, alguns políticos de esquerda e personalidades do cenário artístico e cultural do país reagiram e conseguiram, pelo menos por enquanto, brechar a exploração de incalculáveis jazidas de vários minerais, entre os quais, ouro, ferro, tântalo e cassiterita. Com 47 mil quilômetros quadrados, a Reserva continuará sendo Reserva, enquanto a miséria, a falta de emprego e a cada vez maior dependência de recursos da União fazem do Amapá uma das mais ricas, mas também uma das mais pobres unidades da Federação brasileira.



O anúncio veio como uma bomba em 23 de agosto: a publicação no Diário Oficial da União do decreto que extingue a Reserva Nacional de Cobre e Associadas (Renca), uma área de 47 mil quilômetros quadrados entre o Pará e o Amapá – o equivalente ao tamanho do estado do Espírito Santo, como uma das medidas previstas pelo governo de Michel Temer para estimular o desenvolvimento econômico dos dois estados e engordar o PIB do país.

Rica em ouro e outros minérios, a área também engloba nove áreas protegidas, entre florestas estaduais, reservas ecológicas e terras indígenas, o que mobilizou ambientalistas, políticos de esquerda e personalidades do cenário artístico e cultural, que se uniram numa frente contra a extinção.

Essa frente nacional foi deflagrada num relatório da ONG WWF-Brasil, produzido em parceria com a Jazida.com, especializada em geoprocessamento, dando conta de que a extinção da Renca geraria conflitos entre a mineração, a conservação da biodiversidade e povos indígenas. Antes, em maio, a WWF-Brasil emitiu aviso alertando que o governo pretendia liberar essa área para a iniciativa privada, onde a mineração estava proibida desde 1984, quando a Reserva foi criada através de decreto editado pelo então presidente militar João Baptista de Oliveira Figueiredo. As extensões contempladas pelo decreto englobam nove áreas protegidas: o Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, as Florestas Estaduais do Paru e do Amapá, a Reserva Biológica de Maicuru, Estação Ecológica do Jari, a Reserva Extrativista Rio Cajari, Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru e as Terras Indígenas Waiãpi e Rio Paru d'Este.

De acordo com o diretor executivo do WWF Brasil, Maurício Voivodic, a extinção da Reserva pode colocar em risco áreas de proteção com impactos irreversíveis ao meio ambiente e povos da região. “Além da exploração demográfica, desmatamento, perda da biodiversidade e comprometimento de recursos hídricos, haverá acirramento dos conflitos fundiários e ameaça a povos indígenas e populações tradicionais”, previu. O decreto 9.142, assinado pelo presidente Michel Temer, diz que a “extinção de que trata o artigo 1º não afasta a aplicação de legislação específica sobre proteção

da vegetação nativa, unidades de conservação da natureza, terras indígenas e áreas em faixa de fronteira”.

O relatório diz a legislação ambiental proíbe mineração em unidades de conservação classificadas como proteção integral – destinadas à preservação dos recursos naturais. As unidades de uso sustentável permitem a atividade, desde que haja Plano de Manejo que indique claramente quais atividades permitidas, ponderando que se as terras forem indígenas e reservas extrativistas a proibição é total.

Manifestações contrárias

Depois que o decreto que extingue a Renca foi publicado, senadores apresentaram projetos de decretos legislativos para sustar a medida, liderados por Randolfe Rodrigues. Segundo ele, a extinção da Renca coloca em risco reservas naturais e terras indígenas. Randolfe entrou com Ação Civil Pública, subscrita por vários promotores e procuradores, na Justiça Federal, para tentar anular o decreto. Mas foi outra ação proposta pelo MPF, em Brasília, que liminarmente barrou a extinção da Reserva, sustentando os efeitos do decreto.

Depois da reação contrária de políticos, artistas e preservationistas, o Palácio do Planalto divulgou nota explicando que o decreto pretende coibir a exploração ilegal e recolocar o Estado como gestor das jazidas minerais da Renca, que têm sido exploradas por garimpeiros clandestinos de ouro. “A Renca não é um paraíso. Hoje, territórios da Renca original estão submetidos à degradação provocada pelo garimpo clandestino de ouro que, além de espoliar as riquezas nacionais, destrói a natureza e polui os cursos d'água com mercúrio”, destaca a nota, que acrescenta: “O compromisso do governo é com o soberano desenvolvimento sustentável da Amazônia, sempre conjugando preservação ambiental com geração de renda e emprego para as populações locais”. As pressões não pararam, o que levou o Palácio do Planalto a revogar o decreto e editar novo texto para definir regras mais claras para a mineração na antiga reserva. Esse recuo não convenceu os opositores, como a ONG WWF-, sob o argumento de que o novo texto não inibe a exploração privada, apenas reforça o que já prevê a legislação ambiental para mineração e mantém os riscos socioambientais à região.





Justiça Federal suspende decreto

O caso chegou à Justiça Federal de Brasília, por iniciativa do MP, que ajuizou Ação Popular, cuja liminar foi deferida pelo juiz Rolando Spanholo, no sentido de suspender os atos administrativos para exploração mineral. O juiz afirmou que a extinção da área não pode ser por decreto e sem decisão do Congresso Nacional, conforme a Constituição de 1988.

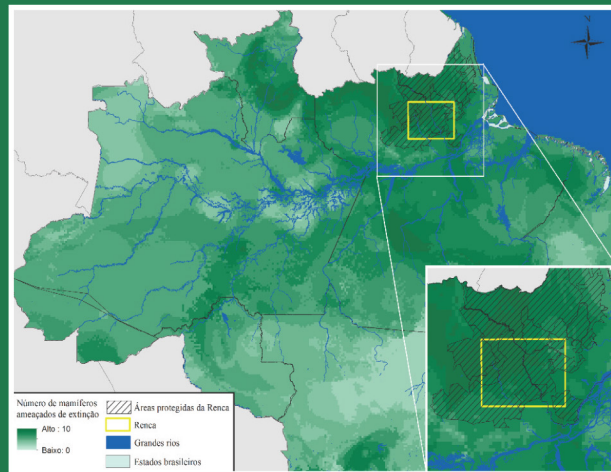
“A análise conjunta de todos esses normativos permite concluir que assiste razão ao autor quando sustenta ser inadequada a pretensão do Executivo Federal em extinguir (total ou parcialmente) a Reserva Nacional de Cobre e Associados, por meio de simples decreto e sem a prévia deliberação do Congresso Nacional”, afirma Spanholo.

O artigo 225 da Constituição, citado pelo juiz, determina que áreas de proteção ambiental só podem ser alteradas ou suprimidas por meio de “lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem

sua proteção”. Através da Advocacia Geral da União, o governo entrou com recurso questionando a liminar.

Com tanta pressão, inclusive de setores do governo, como do ministro Sarney Filho, do Meio Ambiente, após conversar com o presidente Michel Temer, o ministro das minas e energia anunciou a paralisação de todos os procedimentos sobre direitos de mineração na Renca durante quatro meses. O anúncio foi feito em Nota enviada da China, onde o ministro integrava a comitiva de Temer, que cumpria agenda naquele país. Ao chegar em Brasília, o ministro editou uma portaria ministerial oficializando a decisão do governo.

O ministro reconhece como “legítimas” as manifestações da sociedade e afirma que o ministério dará início a amplo debate com a sociedade sobre as alternativas para a proteção da região, cujo relatório conclusivo será apresentado depois de 120 dias de discussões com todos os envolvidos.



* Ato público em Macapá reúne artistas e lideranças políticas regionais e nacionais

Após o anúncio da suspensão do decreto de extinção da Renca, prosseguiu uma mobilização. Macapá foi palco de ato em 2 de setembro, fazendo ecoar a determinação de segmentos de lutar pela preservação da floresta. O ato público, na orla da cidade, teve participação de artistas, ativistas, ambientalistas e lideranças políticas locais e nacionais. Revezaram-se no palco a céu aberto contadores de histórias, poetas e músicos regionais, representantes de aldeias e extrativistas. Vinte e cinco guerreiros da tribo Waiãpi apresentaram danças típicas de guerra durante o ato, com o objetivo de protestar contra a liberação da exploração de minérios na Reserva.

O geólogo Feijão afirma que falta “consciência técnica” nos debates sobre a extinção da Reserva Nacional do Cobre e Associadas. Segundo ele, “estão fazendo questão de colocar prótese mentirosa” na abordagem da questão porque a Reserva foi criada para impedir acesso de multinacionais aos minérios e não como unidade de preservação ambiental. “Há uma marcha contra a consciência técnica do debate. Tenho assistido a vários programas nacionais, e as pessoas estão fazendo questão de colocar prótese menti-

rosa no debate, dizendo que se trata de unidade ambiental e não é, mas simplesmente foi um bloqueio feito para não deixar multinacionais acessarem as reservas minerais que se estendem por uma área de 4,6 mil hectares na Amazônia, entre o Pará e o Amapá”.

Feijão defendeu o primeiro decreto, mas critica o novo texto do Palácio do Planalto: “O novo decreto criminaliza os garimpeiros, e diz também que só poderão acessar concessões minerais quem demonstrar capacidade, não apenas ética e moral, mas principalmente tecnológica. Se esse decreto for revogado automaticamente volta a valer o decreto de 1984, assinado pelo então presidente João Figueiredo, onde garimpeiros não são discriminados, permitindo que eles acessem os minérios, através cooperativas”.

Para Feijão, a mídia está transformando garimpeiros em bandidos: “Venho assistindo às pautas da imprensa nacional, e me sinto agredido por essa falsidade ideológica, porque falsidade ideológica não ocorre somente através do papel ou ação verbal; falsidade ideológica é vir com mentiras dizendo que Temer não dialogou com ninguém; esse diálogo tem que ser com nós, que somos verdadeiros senhores, somos nós que preservamos essa área”.

O argumento usado pelo Ministério Público, que foi

Garimpeiros há mais de 90 anos no vale do Jari

acatado pelo juiz federal de Brasília, que deferiu liminar suspendendo o decreto presidencial, também foi criticado por Feijão: “No meu sentir o MP alegou para a sua ação que o decreto de 1984 só pode ser revogado através de um projeto de lei aprovado pelo Congresso Nacional; ora, olha que coisa triste que eu vou contar: o MP diz que com base no artigo 225 da Constituição Federal a floresta amazônica, a mata atlântica e o pantanal são patrimônios nacionais, e só através de lei pode fazer destinação do uso, e por isso o MP pede ao STF para cancelar o decreto; ora, o Parque do Tumucumaque foi criado por lei ou por decreto? Claro que foi por decreto; por isso, se a ação do Ministério Público tiver sucesso no Supremo eu mesmo vou entrar com ação para anular o decreto que criou o Parque do Tumucumaque”, prometeu.

“Tem mais um problema” – prosseguiu Feijão – “o Ministério Público faz um trabalho magnífico em defesa do patrimônio ambiental, mas é preciso dizer que um procurador da república não pode ir a uma rede nacional tratar os garimpeiros como criminosos, porque a Constituição Federal garante a atividade garimpeira; o MP faz parte do Estado, e por isso tem que exigir que a Constituição seja cumprida; e a Constituição Federal não permite que um cientista venha agora dizer que os rios estão poluídos, afirmando que ela sabe disso há um ano, mas não denunciar, se omitiu, e vem falar isso agora, é necessário lembrar que os garimpeiros estão no vale do Jari há mais de 90 anos, não havendo, ali, portanto, nenhuma atividade invasora”.

O geólogo critica Randolfe Rodrigues por liderar o movimento contrário à extinção da Renca, afirmando que o senador precisa se inteirar de informações catalogadas em órgãos locais, e diz que a ONG WWF Brasil, em cujo relatório se baseia o senador, “é um gigolô de extorsão da economia sem nunca fazer absolutamente nada pela população pobre do Amapá”.

Dizendo-se surpreso com a posição contrária do senador à extinção da Renca, Feijão destacou as qualidades e o trabalho parlamentar de Randolfe, mas condenou sua reação, porque na opinião dele a liberação da exploração de minérios na região não vai impactar negativamente as áreas de preservação e tampouco afetar a população indígena, como aponta o relatório da WWF Brasil:

“Lamentavelmente o senador Randolfe, ocupado, às vezes não junta as informações. Nesse caso ele se esqueceu de se inteirar das informações de todos os órgãos do setor, como a Sema, IEF Amapá. Vamos esperar ele se apropriar dessas informações e depois abrir o debate. O Randolfe foi muito infeliz no que colocou, porque passou léguas de distância da verdade, porque a mineração é a atividade que menos intervém no espaço ambiental, é centrífuga, pontual; na área da Renca temos cerca de quatro milhões de hectares, e lá há 10,5% de terras indígenas que não são regulamentadas; 15% são de unidades de conservação de proteção integral, como uma pontinha do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, as florestas estaduais do Paru e do Amapá, a Reserva Biológica de Maicuru no Pará, a Estação Ecológica do Jari, a Reserva Extrativista Rio Cajari, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru e as Terras Indígenas Waiãpi e Rio Paru d’Este; temos 5,6% de assentamentos agrários, e finalmente 69% de unidades de conservação de uso sustentável, como a floresta estadual de produção do Amapá, a Floresta Estadual do Amapá (Flota) e a Reserva de Desenvolvimento Susten-

tável do Iratapuru”, descreveu.

Ao criticar o relatório do WWF Brasil, Feijão afirmou que entidades ambientalistas não têm compromisso com o desenvolvimento do Amapá. “Se perguntarem o que Greenpeace e WWF fizeram em benefício das populações pobres do Amapá, eu responderia: absolutamente nada, porque na realidade são agências gigolôs de extorsão da ecologia, sem olhar a pobreza local. O WWF não tem autoridade para discutir a nossa vida, o nosso presente e o nosso futuro”, criticou.

Na opinião do geólogo, o estado tem sido muito prejudicado e agora precisa de compensação: “O Amapá já emprestou 62% de seu espaço territorial para unidades de conservação; lá no Cupixizinho mais de duas mil famílias moram e trabalham há mais de 50 anos; quando mandei informações sobre a extinção da Renca foi só alegria; e de repente chega um vídeo num delírio ideológico ecológico desses, sem qualquer consistência”.

Antônio Feijão garante que a atividade de mineração é muito menos impactante que qualquer outra: “É importante frisar que essa tentativa de anular o decreto presidencial é um delírio, porque em primeiro lugar não se pode anular ato da Presidência da República dessa forma e, segundo, tem que respeitar o Amapá; somos um estado que precisamos de emprego e renda; não vamos matar a natureza; a Icomi se instalou no fim da década dos anos 1940 em Serra do Navio, levou 44 anos explorando e desmatou 730 hectares; no contraponto tem uma única fazenda perto de Pedra Branca do Amapari, que possui 32 vaqueiros e desmatou 2.300 hectares. Essa relação ambiental, ecológica é só para chamar a atenção da mídia nacional”.

Perguntado se as reservas de minérios da área podem ser comparadas à de Serra do Navio, Feijão disse que não, por causa da pouca incidência de manganês, mas destacou o grande potencial de outros minérios: “Na Serra do Navio tivemos quatro elementos que foram explorados, tântalo e nióbio, mais ao norte cassiterita e manganês. O ferro não vai ser encontrado nessa quantidade dentro da Renca; o mais importante é que do lado do Pará há duas grandes ocorrências de fosfato, muito bom para a agricultura, e o Amapá está despertando a vocação agrícola, e lá dentro da Renca tem muito manganês, terras raras, ouro e tântalo, então isso vai gerar muitos empregos; são recursos que vão ajudar muito o Amapá, principalmente com a legalização da mineração artesanal”.

No que diz respeito aos impactos da mineração, em especial pela degradação causada por empresas, Feijão ponderou: “A mineração é atividade socialmente mais vigiada porque acontece no interior e todo mundo tem diálogo com a mineração; toda grande mineradora tem um departamento de relações sociais, que todo dia estende o braço à sociedade, tem suas compensações sociais e ambientais; pergunte aos grandes empresários de outros setores, donos de supermercados, quantos postos de saúde já compensaram, de quantos programas já participaram? São coisas muito raras; mas a mineração não, ela está sempre presente, sempre compensando, sempre sendo vigiada, patronada pelo Ministério Público, pela Câmara de Vereadores, Assembleia Legislativa e bancada federal; é uma atividade altamente monitorada do ponto de vista ambiental e social. A extinção da Renca foi uma grande vitória para o Amapá e um ato de coragem do presidente Michel Temer”.

Reserva para desanimar ímpetos internacionais



* Exploração de minérios pode garantir o desenvolvimento econômico do Amapá

O geólogo Antônio Feijão ressalta que a área da Reserva Mineral do Cobre e Associadas, que faz parte do território amapaense, de 1,7 milhão de hectares, é muito rica em minérios, principalmente ouro, tântalo, nióbio, cassiterita e manganês. Um dos mais respeitados especialistas da área mineral do Brasil, com estudos publicados em revistas do setor de vários países, Feijão ressalta que a reserva por muitos “engessou” a economia do Amapá. Ele lembra que a criação da reserva, em 1984, pelo então presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo, teve como objetivo evitar a exploração mineral pelo megainvestidor norte americano Daniel Keith Ludwig, fundador do Projeto Jari, na fronteira dos estados do Pará e Amapá.

“Em 1984 o presidente Figueiredo, pressionado pela onda antiLudwig, bloqueou a exploração de quase quatro milhões de hectares nos estados do Amapá e Pará, dos quais 1,7 milhão de hectares no Amapá e agora, ao extinguir a Renca, o presidente Michel Temer devolve ao estado do Amapá um novo território para mineração, permitindo não apenas a pesquisa e a exploração do grande potencial de minérios lá existentes, como também que mais de dois mil garimpeiros que moram e trabalham naquela região possam se regularizar”, frisou.

Perguntado se aquela região possui tanto minério como se divulga, Antônio Feijão garantiu que sim: “Tem muito minério lá, isso já foi constatado; para que se tenha ideia, na frente de Pedra Branca (município amapaense) tem uma Linha chamada ‘Linha A’ do assentamento em direção ao Pará que entra no garimpo do Cupixizinho, uma das maiores reservas de ouro onde mais de dois mil garimpeiros vivem sob o manto da ilegalidade, mas que agora eles vão poder se legalizar, obtendo a permissão da lavra garimpeira. Lá há muito minério, sim, principalmente ouro, tântalo, nióbio, cassiterita, ferro, manganês e terras raras, o que vai abrir um novo mercado para o Amapá; são áreas que não têm dono, e vão ser licitadas, caso a extinção da reserva se confirme”.

Em resposta à indagação se a extinta reserva pode ser comparada à Província Mineral de Carajás, o geólogo explicou que elas possuem características distintas: “Carajás tem características numa escala de milhões de toneladas de ferro, dezenas de milhares de onças de ouro e jazidas de cobre; na Renca, no Amapá, há muito manganês e, claro, além de uma grande diversidade de outros minérios. Quando isso foi constatado pelo governo militar da época, e quando viram que o Augusto Antunes (então proprietário da Icomi) estava ‘namorando’ empresas internacionais, os militares trouxeram a reserva há quase quatro quilômetros da cidade de Serra do Navio e engessaram o setor mineral, que ficou parado esses anos todos. Se de fato for extinta, passa a ser criado um novo cenário para a economia”, previu.

A área que está sendo alvo de disputa entre ambientalistas, políticos e o governo federal é um pouco maior do que o estado do Espírito Santo. O território tinha sido delimitado em 1984, durante a ditadura militar, para ser usado para exploração mineral estatal. Ao criar a Renca, em 1984, o então presidente João Figueiredo tinha como objetivo proteger a área da exploração por multinacionais, tratando-se, assim, de uma Reserva Mineral, e não Ambiental. Só que posteriormente novas áreas de grande biodiversidade foram criadas, entre elas dois territórios indígenas das etnias Aparai, Wayana e Waiãpi.

O ambientalista José Estevão Lopes defende a abertura da Reserva para mineração, mas pondera que o governo terá que exercer fiscalização intensa para que o meio ambiente não seja prejudicado. “É importante destacar que 69% da área da antiga reserva são destinados à proteção, mas 31%, cerca de 1,4 milhão de hectares de florestas nativas, estão à mercê de grileiros, que há décadas desenvolvem a garimpagem na região, que no meu entendimento devem ser mantidos no local, mas devidamente regularizados para que possam ser fiscalizados, inclusive permitindo que empresas, sejam nacionais ou estrangeiras, também trabalhem no local, com o apanhamento de um grande consórcio formado por órgãos públicos e entidades voltadas para a preservação ambiental, porque do contrário aquela enorme faixa da floresta será destruída”, sugere.

Como resultado do VII Encontro de Executivos de Exploração Mineral/Mineração ocorrido nos dias 29 e 30 de junho deste ano em Brasília (DF), os geólogos Elmer Prata Salomão e Tadeu Veiga, ambos da empresa Geologia para Mineração Ltda. (GEOS) elaboraram um relatório sobre a criação da Renca, sua extinção e, conseqüentemente, a viabilidade de exploração mineral na área. O relatório aponta que a criação da Reserva não obedeceu a nenhum critério técnico e visou apenas o intervencionismo estatal militar da direita.

Ainda de acordo com o documento, a revogação da Renca, que não trouxe nenhum benefício ao país, tem como principal mérito sinalizar o fim da política de intervencionismo de Estado na mineração, afirmando que a sua delimitação não obedeceu a nenhum critério técnico, englobando terrenos com alto potencial metalogenético, e que sua revogação permitirá o retorno de políticas liberais e a redução do capitalismo de Estado na área mineral. “A reserva, criada exclusivamente para a mineração, foi posteriormente coberta por unidades de conservação estaduais que, salvo melhor juízo, não poderiam ter sido legalmente criadas”, argumentando que negociações políticas “poderão aperfeiçoar planos de manejo das flotas, abrindo à mineração cerca de 44% da área da Renca”, finaliza o relatório.



* Senador apela até ao Papa Francisco para que Renca não seja extinta

Para impedir a extinção da Reserva Mineral do Cobre e Associadas (Renca), o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) recorreu até à CNBB para conseguir declaração do Papa Francisco para barrar o decreto presidencial, que abre área para exploração mineral. O pedido foi durante encontro do senador com o secretário geral da CNBB, Dom Leonardo Steiner.

Na ocasião, Dom Leonardo disse que compreende a relevância do assunto e afirmou que a CNBB está empenhada em declarar, por meio do presidente da Conferência, Dom Sérgio da Rocha, apoio à essa causa e, com isso, incentivar uma declaração do Papa Francisco.

No encontro, o senador argumentou que o “impacto da mineração na Amazônia sempre resultou em tragédia e morte”, lembrando a péssima experiência que o Amapá teve, por exemplo, com a mineradora inglesa Zamin. “Por onde a mineração passou no Amapá deixou amplíssima devastação ambiental”, ressaltou Randolfe.

De acordo com o senador, a iniciativa de apelar ao Papa se deu em razão de sua última encíclica, em 2015, dedicada à questão ambiental, onde a maior autoridade da Igreja Católica conclamou a humanidade “a tomar consciência da necessidade de realizar mudanças de estilo de vida, de produção e de consumo”. Francisco foi além e acusou a “política e as empresas de não estarem à altura dos desafios mundiais”. Segundo ele, tudo isso ocorreu pelo “uso irresponsável dos bens que Deus colocou na Terra”. “Se a tendência atual continuar, este século poderá testemunhar mudanças climáticas inéditas e uma destruição sem precedentes dos ecossistemas, com graves consequências para todos nós”, disse o Papa Francisco.

Sócios da Tozzini Freire Advogados, Luiz Fernando Visconti (responsável pela área de Mineração), Luís Felipe Euzebio e Caio Mimesi Fransani desnudaram técnica e juridicamente a questão envolvendo a Renca em artigo publicado na edição online do Estadão na coluna do jornalista Fausto Macedo (<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo>), que linhas abaixo se transcreve na íntegra, mostrando o que os defensores da extinção da Reserva vêm argumentando de forma recorrente, isto é, que a Renca é uma reserva mineral, e não ambiental, como tentam fazerem crer ambientalistas:

“Em 22 de agosto o governo federal editou o decreto nº 9.142/2017, que extinguiu a Renca, nos Pará e Amapá. A medida foi criticada na comunicação e por artistas que alegam o afrouxamento das exigências ambientais e a entrega do patrimônio mineral a interesses privados, o que forçou o governo a lançar novo decreto (9.147/2017), mantendo a extinção da Renca, reforçando regras já aplicáveis e trazendo algumas novidades.

O Dicionário de Oxford escolheu como palavra do ano de 2016 o termo post-truth – A Era da Pós Verdade (Ralph Keyes, *The Post Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life*; St. Martin's Press, 2004) e trouxe a seguinte definição para o termo: “relativo a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos

são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal”. Significa dizer que o conhecimento dos fatos e a busca pela verdade pouco importam. É a ditadura das opiniões, ainda que não embasadas em fatos reais.

O texto tem o objetivo de desmistificar alguns desses pontos, os quais, embora equivocados, depois de repetidos muitas vezes por diversos veículos e pessoas, parecem ter sido assimilados como verdadeiros. Dentre eles, destacamos que a Renca não é e nunca foi uma reserva ambiental, que a atividade de mineração nunca foi proibida no local e que a sua extinção não representa a degradação da floresta amazônica, ou a entrega de patrimônio brasileiro ao capital privado.

O decreto de criação da Renca nunca proibiu a atividade de mineração. Criada ainda no regime militar, em 1984, também via decreto, em área geologicamente rica em cobre, ouro e outros minérios, a Renca sempre permitiu tal atividade, porém a condicionava as futuras pesquisas a serem realizadas pela Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais (CPRM – atual Serviço Geológico do Brasil), a quem também incumbia negociar os resultados dos trabalhos de pesquisa com as empresas. Além disso, o decreto estipulava que a concessão de áreas na região pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM – atual Agência Nacional de Mineração) somente poderia ser feita mediante consulta prévia ao Conselho de Segurança Nacional (atual Conselho de Defesa Nacional). Ou seja, a atividade mineral nunca foi proibida na Renca.

Outro ponto a ser desmistificado refere-se à alegada proteção ambiental da região. O decreto nº 89.404/1984, que instituiu a Renca, não tratou de matéria ambiental. Consequentemente, a sua extinção não terá o condão de afastar o cumprimento da rígida legislação ambiental brasileira, principalmente porque a área é permeada por unidades de conservação, por terras indígenas e por faixa de fronteira, conforme se pode inferir do mapa abaixo, extraído do Sistema de Informações Geográficas da Mineração (Sigmine):

A Renca localizava-se no perímetro definido pelo retângulo laranja. Em rosa estão destacadas as terras indígenas, onde a atividade de mineração, embora permitida pela nossa Constituição Federal, ainda não pode ser realizada porque ainda não existe lei regulamentando o tema. A faixa mais clara ao norte representa a faixa de fronteira, em que há restrições para operações minerais por empresas estrangeiras. Já a parcela em verde indica os diversos tipos de unidades de conservação (em algumas, as atividades podem ser permitidas com restrições; em outras, totalmente proibidas – deve-se avaliar caso a caso). Por fim, o decreto de 22 de agosto dispõe, no artigo 2º, que a extinção da Renca “não afasta a aplicação de legislação específica sobre proteção da vegetação nativa, unidades de conservação da natureza, terras indígenas e áreas em faixa de fronteira.”, o que reforça a observância das normas vigentes, sejam elas ambientais ou de outra natureza.



* “Discurso político demagógico”

O administrador e especialista na área de mineração, Bruno Cei, pede o fim do que chama de “discurso político demagógico” e defende a exploração de minérios com respeito ao meio ambiente. Segundo ele, o Amapá não pode se curvar à tese preservacionista por causa da vocação mineral do estado.

“Temos que parar com esse discurso político, demagógico, de que temos que preservar o meio ambiente e por isso não podemos explorar as nossas riquezas. Tem que haver exploração, sim, lembrando que o Amapá é eminentemente minerário. Não podemos nos curvar a xiitas ambientalistas que na realidade só entendem mesma da samambaia que eles têm em casa e desconhecem totalmente a nossa realidade. Essa exploração, claro, tem que ser feita de forma responsável, com as devidas compensações, como por exemplo a criação de um imposto mineral verde”, sugere.

Para Bruno Cei, a criação da Reserva Mineral do Cobre e Associadas (Renca) foi uma medida “patriótica” do então presidente João Figueiredo, em 1984, para proteger a grande quantidade e diversidade de minérios ali existentes, numa época em que a realidade era completamente diferente da que vivenciamos atualmente, mas entende que, posteriormente, foram sendo impostas legislações ambientais prejudiciais para a economia do estado, que precisam ser combatidas para que o Amapá possa lançar mãos dos seus recursos minerais para se desenvolver.

“O meu entendimento é que a Renca, criada em 1984, numa época em que literalmente prevalecia o verde oliva,

o patriotismo arraigado, tinha como objetivo proteger as riquezas minerais da cobiça estrangeira, mas com o tempo foram colocando situações, legislações que prejudicam o Amapá, como a criação da Reserva Parque das Montanhas do Tumucuma, áreas indígenas e outras reservas ambientais. Que os ecologistas me perdoem, mas não posso aceitar que xiitas venham ao Amapá dizer o que a gente deve fazer, quando eles próprios não deram o bom exemplo, pois destruíram o meio ambiente deles; e nós não queremos destruir; só queremos ter o direito de explorar as nossas próprias riquezas. O que a gente ganha com a preservação? Nossa juventude saindo das escolas técnicas, dos cursos superiores e vão trabalhar em quê?”, indaga Bruno Cei.

Para o especialista, a exploração é viável desde que sejam tomadas precauções para que erros do passado não voltem a ocorrer: “A Zamin deixou muitos empregados sem receber, várias empresas quebraram porque não receberam pagamento, deixando um rastro de destruição e miséria, isso é verdade, e esse modelo não se pode mais conceber no estado. A exploração dessa área vai ocorrer, cedo ou tarde, mas, é claro, tem que ser feita de forma diversa do modelo da Zamin, que na realidade entrou no Amapá com aceitação das pessoas que poderiam negar ou não sua entrada, mas não fizeram isso, apesar do histórico sombrio da empresa. Tem que ser adotado um modelo sério, responsável, honesto e livre da corrupção. Para isso é necessário que elejamos governantes e parlamentares sérios, competentes e honestos, identificados com a população e comprometidos com a solução dos problemas nacionais e locais”.



Bolinho de quinoa com patinho

Nesta edição vamos ensinar uma receita prática e rápida e supersaudável pra você fazer em casa, usando a quinoa, ingrediente nutricionalmente completo e com características únicas.

Você sabia?

São raros os vegetais com a quantidade e qualidade de proteína da quinoa. Em cada grão, ela carrega aminoácidos essenciais, sendo três de cadeia ramificada (leucina, valina e isoleucina) - aminoácidos do BCAA e whey protein (suplementos proteicos usados por esportistas antes e depois do treino para preservar os músculos). A quinoa é um ótimo alimento para o ganho de massa magra, com a vantagem de ter pouca gordura e ser livre de colesterol e açúcar.

A quinoa ainda tem carboidrato (garante energia), além de fibras, vitaminas e minerais.

Receita

Mix de quinoa real crua	½ xícara
Picadinho de patinho	400g
Cheiro verde	1 maço
Sal	A gosto
Cebola	½ unidade pequena
Azeite	À vontade
Alho	1 dente
Limão	2 colheres de sopa
Hortelã picado	1 colher de sopa



AMAPÁ JOVEM

OPORTUNIDADES
PARA
AVANÇAR
COM A
NOSSA
JUVENTUDE

Estágios remunerados e não remunerados, cursos de capacitação, oficinas, atividades esportivas, culturais, passe livre escolar e programas voltados para o desenvolvimento educacional e profissional para mais de 10 mil adolescentes e jovens.



ap.gov.br



AMAPÁ
GOVERNO DO ESTADO
Cuidando da nossa Gente

MONTE *Concept*
Acabamentos finos

nagib
Comércio de materiais de construção

Versatilidade e elegância



MONTE
Casa & Construção

Home Center
monte.com.br